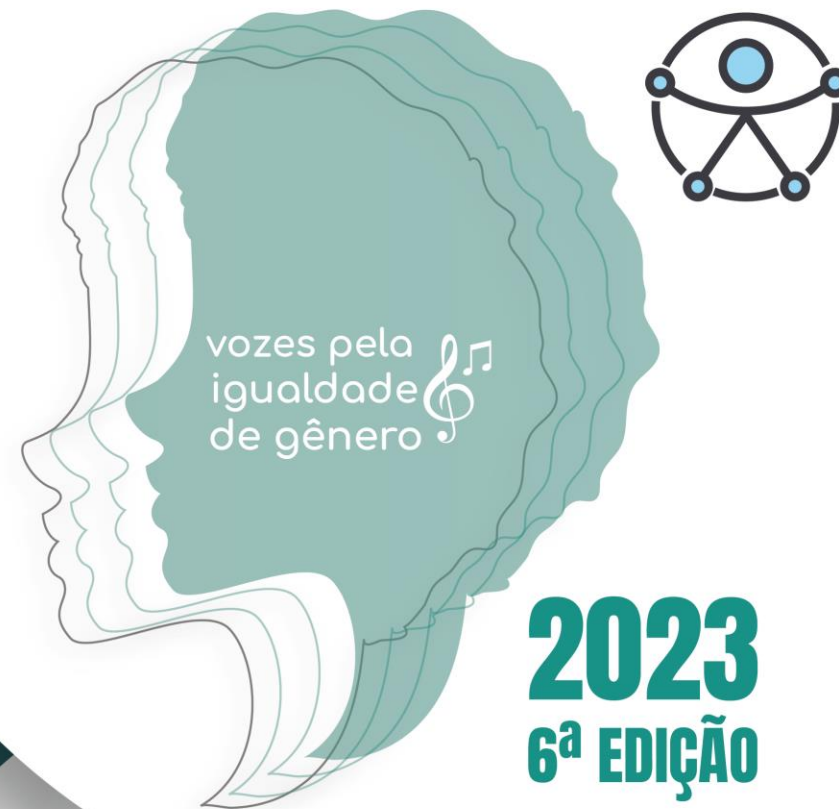


VOZES PELA IGUALDADE DE GÊNERO

TUDO CORPO TEM VOZ

NADA SOBRE NÓS, SEM NÓS



Nossa história ...



1ª Edição: “10 Anos da Lei Maria da Penha”



NATHAN PEREIRA, aluno da Escola Estadual Deputado Silva Prado (zona leste de São Paulo).

Primeiro Passo

“Masculino se acha o rei / Feminino é inferior / Conceitos ultrapassados que o ser humano criou / E o preconceito é real / É para quem der e vier / Quando tem batida de carro gritam ‘tinha que ser mulher’”



2ª Edição: #RespeitaAsDiferenças



ELIAN FLORES, aluno da Escola Estadual Tonico Barão (Fernandópolis).

Amar sem olhar a quem

*“O preconceito cega e a vida condena todo o mundo que sempre diz
Que ser negro é ser diferente e que a raça discrimina a gente*

Que o pobre nunca é inocente.

Pense o que esses ofendidos sentem

*Eu vou lutar, por um mundo de amor, independente do credo e da cor.
Eu vou lutar, por um mundo de amor, independente do gênero que for.*

Vou amar sem olhar a quem, ajudar a todos tão bem.

Vou me sentir bem, fazer o bem”



3ª Edição: Em todos os lugares, em pé de Igualdade



Mariana Carvalho, Maria Chayanne Silva, Karen Lopes, Giovana Padovan e Gabriela Padovan, alunas da E.E. Prof. Luiz Castanho de Almeida (Bauru)

Hino das Mulheres

*“Mulher, vontade, brilho e coragem
Vivemos em um mundo ruim
Procuramos igualdade
Temos nossos direitos
E a justiça clama forte”*



4ª Edição: Minha cor dá poder à minha voz



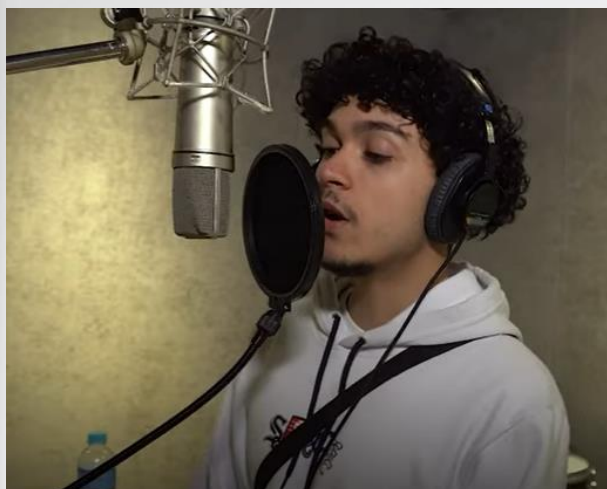
Luisa Apolinário
aluna da E.E. Ferrucio
Chiaratti (Sertãozinho)

Menina Bonita

*“Sonhar, acreditar, que nesse mundo,
ninguém é capaz de nos parar...menina
bonita, solta esse cabelo ”*



5ª Edição: Nossa voz também é nossa vacina



André Lemos
aluno da E.E. Professora Cecília
Rolemberg Porto Guelli (Jundiaí)

1937

*"Vivemos em desigualdade
Meninos com os pés descalços
Caminhando por toda cidade
Rostos implorando por abraços
Cada um cria seus traços
Em meio essa sociedade*

*Um Pedro Bala por cada esquina
Vendendo balas não trocando, isso é rima!
Escorregando pelos livros"*

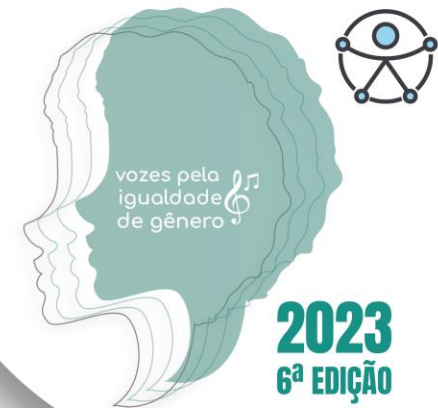


**Álbum com as 10
finalistas disponível em
todas as plataformas!**

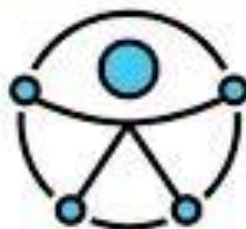


6ª Edição

Todo corpo tem voz
Nada sobre nós sem nós.



Simbolo Universal de
Acessibilidade da
Organização das Nações
Unidas (ONU)



- ✓ Simboliza a esperança e a igualdade de acesso para todas, em todos os lugares;
- ✓ Inclui a acessibilidade à informação, serviços, tecnologias de comunicação, bem como o acesso físico.



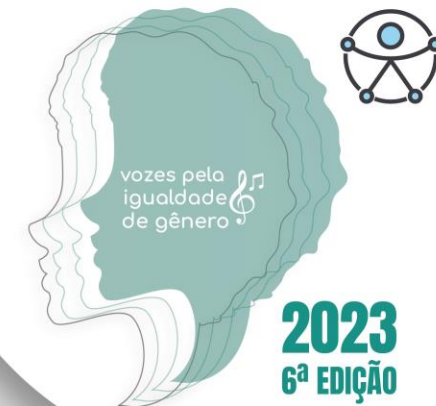
Igualdade ou equidade?



TODAS E TODOS SÃO IGUAIS?

Declaração Universal de Direitos Humanos

Artigo 1º. Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.



Você conhece o conceito de equidade?



IGUALDADE



EQUIDADE

Quem são as pessoas com deficiência ?



O conceito!!

Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência - 2006

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, **os quais, em interação com diversas barreiras,** podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas.





vozes pela
igualdade
de gênero

2023
6ª EDIÇÃO

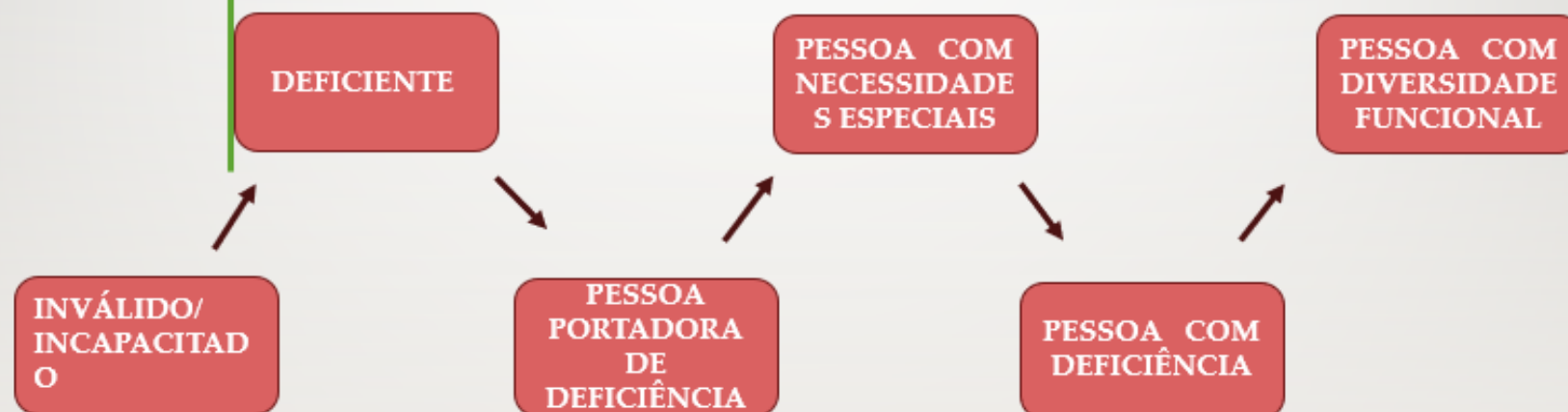
Ser “pessoa com deficiência” é, antes de tudo, ser pessoa, com toda complexidade que é ser humano. É também uma tentativa de diminuir o estigma causado pela deficiência. A expressão está postulada pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, da Organização das Nações Unidas (ONU), desde 2006.



Por que usar o termo “Pessoa com Deficiência”?

PCD

EVOLUÇÃO DA NOMENCLATURA





A ideia de um padrão de corpo perfeito ao longo da história ...

Durante a Idade Média, os corpos fora de padrão eram associados à figura do demônio.

Na **inquisição**, pessoas com deficiência, principalmente os deficientes intelectuais, eram queimados na fogueira por serem considerados enfeitados e alvos de bruxaria.

O corpo perfeito e a lógica econômica

- No decorrer do século XX, o conceito de corpo passou por grandes mudanças nas esferas pública, privada, política e social.
- Por volta de 1920, os hábitos e as relações sociais passaram por muitas transformações que começavam a dar indícios do que logo se tornaria uma sociedade de idolatria ao corpo. Desse modo, o corpo-soberba, que fazia dos seus excessos atributos do poder e que foi imperante até o início do século XX, passou a dar lugar ao corpo-eficácia. Ou seja, o corpo passou a ser agente de liberdade e individualismo. Essa perspectiva capitalista de atribuir a responsabilidade de satisfação ao próprio sujeito está fortemente estampada no âmbito do trabalho e invadiu também o campo estético.
- No século XX, o corpo foi visto como objeto de consumo e, portanto, esteve inserido numa lógica consumista e capitalista. Essa visão partia do pressuposto de que era bem-sucedido aquele que era capaz de esculpir, moldar, controlar e transformar seu corpo para aproximá-lo de um ideal, refletindo essas qualidades para qualquer esfera da vida. Esses discursos serviram para afastar qualquer possibilidade de “falhas” corporais ou tipos de deficiência e fortalecer duas concepções corpóreas distintas: a do corpo ideal, canônico, e a do corpo desprezado, fadado à exclusão.
- Assim, a medicina e a ciência avançam em medicamentos, pesquisas e técnicas de melhoramento a fim de “higienizar” o corpo, aperfeiçoar a aparência física e evitar riscos de “falhas”, características desvantajosas, deficiências, bem como retardar o envelhecimento.
- Mulheres com Deficiência: Garantia de Direitos para Exercício da Cidadania – Karla Garcia Luiz.



HOLOCAUSTO

"Muitas pessoas com doenças mentais e problemas de saúde eram deixadas para morrer de fome, por abandono ou por overdoses deliberadas, enquanto seus gritos por ajuda eram ignorados."

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-38777464>

"Deus não há de querer que os doentes se reproduzam"



Fotografia com a legenda: "... Deus não há de querer que os doentes se reproduzam."

A origem dessa imagem é um filme produzido pelo Ministro da Propaganda do Reich que tentou, através da propaganda, desenvolver a aceitação pública para o Programa de Eutanásia.

Fonte: US Holocaust Memorial Museum

Tempos de guerra, segundo Hitler, "são os melhores momentos para se eliminar os doentes incuráveis". Muitos alemães não queriam ser lembrados dos indivíduos incompatíveis com seu conceito de "raça superior". Os deficientes físicos e mentais eram considerados "inúteis" à sociedade, uma ameaça à pureza genética ariana e, portanto, indignos de viver. No início da Segunda Guerra Mundial, indivíduos que tinham algum tipo de deficiência física, retardamento ou doença mental eram executados pelo programa que os nazistas chamavam de "T-4" ou "Eutanásia".



A inclusão sob a lógica do "corpo – trabalho"



"A noção de inclusão surgiu especialmente após a [Segunda Guerra Mundial \(1939-1945\)](#). Isso porque uma das consequências da guerra foi uma enorme quantidade de sobreviventes com algum tipo de deficiência, principalmente física, por conta das batalhas travadas. O continente europeu estava devastado e era preciso retomar as atividades econômicas e industriais da região, que carecia de mão de obra. Dessa forma, esforços começaram a ser tomados para incluir os sobreviventes de guerra que possuíam deficiência no mercado de trabalho. Todo esse contexto gerou um impacto na sociedade, que passou a buscar soluções e alternativas para incluir as PcD de maneira plena na sociedade. Com isso, foi na década de 1970 que a discussão relacionada aos direitos das PcD realmente ganhou relevância, quando começaram a surgir as primeiras declarações da história dos direitos das pessoas com deficiência."

<https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/historia-dos-direitos-das-pessoas-com-deficiencia/>

Dos modelos religiosos e médico da deficiência ao modelo social !



- **Modelo religioso:** este modelo ganha força ao longo da Idade Média como avanço do cristianismo. Nele, a pessoa com deficiência é vista de várias maneiras: como alguém que é, necessariamente, infeliz, como alguém que recebeu um castigo, como alguém digno de pena, como alguém amaldiçoado.

DEFICIÊNCIA = CASTIGO, MALDIÇÃO QUE PRECISA SER ELIMINADO

- **Modelo caritativo:** este modelo se funde ao modelo religioso. Nele, deficiência é considerada uma falta e, portanto, as pessoas com deficiência são dignas da caridade e da benevolência das pessoas sem deficiência - especialmente as cristãs - por serem vítimas do próprio azar, infortúnio e incapacidade. Este modelo imperou no Brasil até meados de 1970, quando o movimento das pessoas com deficiência passou a ganhar força e exigir novas concepções, práticas e políticas.

DEFICIÊNCIA = INFORTÚNIO QUE PRECISA DE CARIDADE.

- **Modelo médico:** com o advento do Positivismo e o fortalecimento das práticas médicas no século XIX, este modelo compreende a deficiência como uma falha corporal que carece de intervenção a todo custo para enquadrar o corpo em padrões estéticos e funcionais exigidos pela sociedade. O modelo médico também pressupõe que a pessoa com deficiência é só uma “paciente” da ciência médica que precisa ser curada e a responsabilidade de (não)participação é da própria pessoa com deficiência, conforme seu corpo corresponde (ou não) às exigências sociais.

DEFICIÊNCIA = FALTA QUE PRECISA SER REPARADA, CURADA

MODELO SOCIAL

Este modelo é o mais recente e defendido pelo movimento social e político das pessoas com deficiência, pois representa um grande avanço nas concepções sobre a deficiência do corpo. Aqui a deficiência é a interação com estruturas sociais histórica e culturalmente construídas para não acolher a diversidade humana. Para o modelo social, a deficiência é uma condição humana, um outro modo de ser e estar no mundo, uma característica a mais da pessoa que se cruza com outras características (como gênero, raça/etnia, geração, classe, sexualidade, etc), como uma experiência subjetiva e que não deve ser supervalorizada ou minimizada. Há, assim, um deslocamento de responsabilidade: a exclusão deixa de ser culpa da pessoa (algo individual, como no modelo médico) que tem um corpo fora do padrão e passa a ser responsabilidade de toda sociedade que não acolhe a diferença e que deve rever suas estruturas para diminuir barreiras. O modelo social se divide em duas gerações:

A primeira geração do modelo social, surgiu em meados da década de 60, no Reino Unido e foi composta, em grande parte, por homens com deficiência física. Eles afirmavam que, se houvesse a eliminação de barreiras arquitetônicas, as pessoas com deficiência teriam sua participação garantida. No entanto, essa ideia foi questionada pelas mulheres que passaram a fazer parte do modelo social. Na época, eram, em grande parte, mães cuidadoras de pessoas com deficiência que afirmavam que, só a eliminação de barreiras arquitetônicas não seria o suficiente, era preciso também pensar na experiência da dor, sobre a transversalidade da deficiência e, por fim, em uma ética do cuidado, pois muitas pessoas com deficiência precisam de cuidado durante toda a vida.

DEFICIÊNCIA = ESTÁ NA INTERAÇÃO COM O AMBIENTE E NÃO NO CORPO. VALORIZA-SE A SINGULARIDADE E AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE SER E ESTAR NO MUNDO.



Da ética do cuidado e da noção de interdependência



Quem, afinal, é independente?

Uma **ética do cuidado** refere-se a uma reflexão sobre **interdependência** como parte das relações humanas, nas quais, em maior ou menor grau, todas e todos dependem (ou dependerão) uns dos outros em algum momento da vida – e isso não é exclusividade das pessoas com deficiência.

É necessário, assim, que façamos uma reflexão sobre independência, dependência e interdependência.

A noção de justiça social está totalmente relacionada à recíproca e inevitável dependência e a implacável interdependência de todos os seres humanos, pois somos todos dependentes.

Embora seja difundido o “mito do sujeito independente” nas sociedades modernas e capitalistas, nunca somos completamente independentes. A invenção do sujeito independente é uma criação do capitalismo. (Re)pensar o cuidado nos obriga abandonar a ideia de algo individual, restrito ao sujeito e infantil.

Assim, é necessário discutir o conceito de dependência quando se trata de pessoas com deficiência: ao invés de atribuirmos um caráter negativo, devemos pensar que, para algumas pessoas, a vida só será possível se houver uma rede de apoio.





Você já tinha ouvido falar em “ética do cuidado”

Você já tinha ouvido falar em “ética do cuidado”? Aqui vale destacar que, a ética do cuidado se refere a um apoio adequado, no qual o sujeito que o recebe é protagonista da ação. Por exemplo, por mais que eu necessite de ajuda para calçar os sapatos, quem deve escolher o sapato sou eu. Muitas pessoas com deficiência passam uma vida inteira sem poder decidir sobre suas escolhas mais básicas, sobre suas preferências porque o(a) cuidador(a) é quem detém o poder de decisão. Essa prática é extremamente capacitista e devemos lutar para que o cuidado esteja disponível de modo emancipatório.

O conceito de interdependência e o cuidado são temas centrais na contribuição feminista das teóricas do Modelo Social da Deficiência para a garantia da qualidade de vida das pessoas com deficiência, sobretudo, daquelas que necessitam receber cuidados de longo prazo.

Contudo, não temos essa demanda contemplada em esferas públicas, através de políticas e práticas. Apesar de estar citado na LBI, através da garantia ao cuidado em residências inclusivas, por exemplo, o cuidado ainda é feito por alguém da família (geralmente mulheres) ou por alguém externo, caso a pessoa possa pagar por esse serviço.

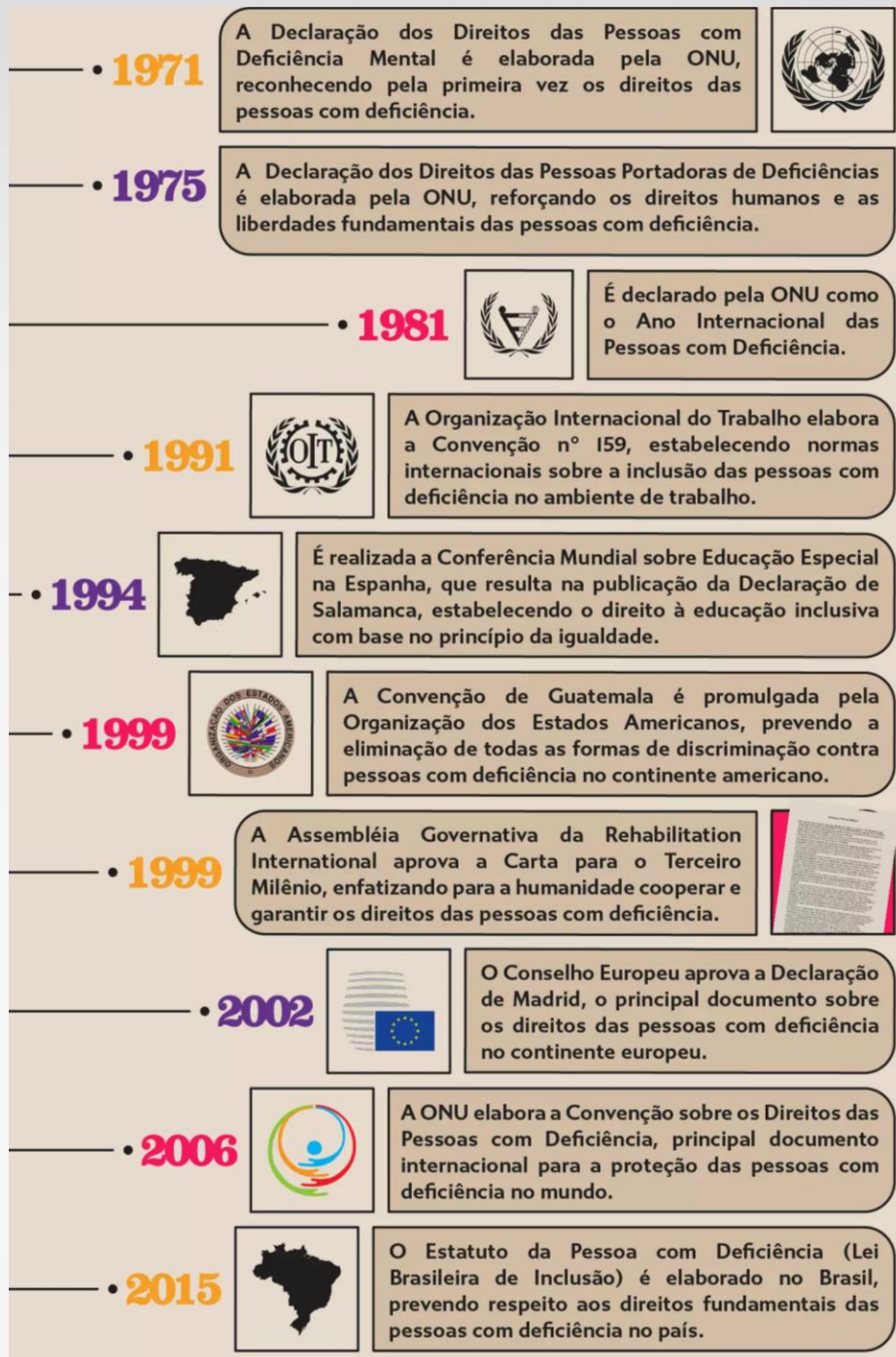
O que devemos cobrar do Estado é que toda e qualquer pessoa com deficiência possa receber o cuidado mais adequado, que a ética do cuidado seja uma política pública efetiva para TODAS as pessoas e não apenas para aquelas que possuem poder econômico para pagar por um(a) cuidador(a).

O cuidado ainda é visto, de modo equivocado, como uma tarefa das mulheres e do âmbito privado. O cuidado não está reconhecido como um trabalho e a desvalorização ao cuidado se dá a partir das desigualdades de gênero, derivadas de uma estrutura patriarcal que atribui o cuidado como uma função exclusivamente feminina e que desqualifica os afazeres das mulheres.

Por consequência, as cuidadoras ocupam um lugar de subalternidade. Outra problematização que precisamos fazer sobre cuidado é que, comumente, ele está fundado numa lógica de compaixão, de piedade e, portanto, de poder, na qual quem cuida tem poder e compaixão sobre quem é cuidado e, por sua vez, quem recebe o cuidado deve obediência e gratidão.



A evolução histórica dos direitos das PCDs



O que é capacitismo?



Capacitismo é a discriminação contra pessoas com deficiência !!!



- Assim como a cultura do machismo e do racismo, a cultura capacitista resulta em marginalização e discriminação.
- O capacitismo segue uma construção social de que existe um corpo padrão perfeito denominado como “normal”, e assim desumaniza e subestima a capacidade e aptidão de pessoas em virtude de suas deficiências.



O termo “capacitismo” serve para designar as discriminações baseadas numa lógica de capacidade dos corpos.

O capacitismo se expressa em ações, atitudes e concepções sobre os corpos e sobre deficiência tanto de maneira explícita, como implícita. Podemos dizer, então, que o capacitismo está fundamentado numa ideia de hierarquia dos corpos com mais ou menos capacidades, na qual corpos sem deficiência valem mais do que corpos com deficiência.

Essa hierarquização está relacionada ao corpo ideal, com base numa corpo-normatividade vigente que oprime e exclui todos os corpos que não se enquadram aos padrões estabelecidos de beleza e produtividade.





POR QUE SER ANTICAPACITISTA?



- a) Para não responsabilizar a pessoa com deficiência pela sua condição, esperando atos de "superação", idealizando-a como anja ou heroína pois, ainda que de forma bem intencionada, isto também a desumaniza.
- b) Para não fortalecer a ideia de que as pessoas com deficiência precisam ser curadas para ter um corpo dentro de um padrão;
- c) Para lutar contra a acentuação da ideia de hierarquização das condições humanas avaliadas pelo viés produtivo;
- d) Para não permitir que Estado e a sociedade se eximam de elaborar políticas públicas que permitam que cada um, e todos, possam estar no mundo de forma única e singular
- e) Para ajudar no enfrentamento do racismo, do machismo, da LGBTfobia e as outras discriminações porque todas possuem a mesma raiz e lógica baseado em um corpo - norma superior aos demais.
- f) para construção de umas sociedade livre, justa e solidária nos termos do artigo 3º da CF/88.

Capacitismo e gênero

Assim como gênero, a deficiência é uma narrativa culturalmente fabricada sobre o corpo e, em função disso, perpassa todos os aspectos da cultura. Ela estrutura instituições, produz subjetividades, práticas culturais, comunidades históricas e posicionamentos políticos (GARLAND-THOMSON, 2002 apud BAILEY; MOBLEY, 2019)



“As mulheres com deficiência estão em situação de dupla opressão, ora porque os estereótipos de passividade, fragilidade e dependência são atribuídos à feminilidade e à deficiência, ora porque os papéis atribuídos às mulheres, como por exemplo, ser mãe, esposa e dona de casa, são inflexíveis e excluem as mulheres com deficiência”, o que impacta diretamente na violência de gênero que sofrem.

Vide: Mulheres com Deficiência: Garantia de Direitos para Exercício da Cidadania, do Coletivo Helen Keller

Uma a cada cinco mulheres em todo o mundo tem algum tipo de deficiência !!!





Das violências

- 1) física
- 2) psicológica
- 3) sexual
- 4) política ... e outras...



A cada hora, um caso de violência contra pessoa com deficiência é registrado no Brasil, diz Atlas; maioria ocorre em casa e com mulheres

As taxas de notificações de violências contra mulheres são mais de duas vezes superiores às de homens. O tipo de violência mais notificado contra pessoas com deficiência é a física, presente em 53% dos casos, seguida de violência psicológica (31%) e negligência/abandono (29%).

Por Cíntia Acayaba e Léo Arcoverde, G1 SP e GloboNews

31/08/2021 10h00 · Atualizado há um ano



VIOLENTÔMETRO

Tome uma atitude antes que seja tarde demais

TOME CUIDADO!
A VIOLÊNCIA TENDE
A AUMENTAR

REAJA!
NÃO SE
DESTRUA

PEÇA AJUDA
A UM PROFISSIONAL

- 1 piadas ofensivas
- 2 chantagear
- 3 mentir/enganar
- 4 ignorar/dar um gelo
- 5 ciumar
- 6 culpar
- 7 desqualificar
- 8 ridicularizar/ofender
- 9 humilhar em público
- 10 intimidar/ameaçar
- 11 controlar/proibir (amigos, família, dinheiro, lugares, roupas, aparências, atividades, internet, celular, etc)
- 12 destruir bens pessoais
- 13 machucar
- 14 tapinhas, pancadinhas
- 15 brincar de bater
- 16 beliscar/arranhar
- 17 empurrar
- 18 dar tapas
- 19 chutar
- 20 confinar/prender
- 21 ameaçar com objetos ou armas
- 22 ameaçar de morte
- 24 forçar uma relação sexual
- 25 abuso sexual
- 26 violentar
- 27 mutilar
- 28 MATAR

TELEFONES ÚTEIS:
190 - Polícia Militar | 197 - Disque Denúncia
180 - Central de Atendimento à Mulher
Mais informações: 27 33342709 | 27 33342174
violenciadomestica@tjes.jus.br



Material revisado e adaptado do espanhol para português, resultado do Programa Institucional de Gestão com Perspectiva de Gênero do IPE/México. Fonte: bit.ly/violenciadomestica

A violência contra as mulheres se manifesta de várias maneiras:



Violência psicológica

- ▶ humilhações
- ▶ ridicularizações
- ▶ ameaças
- ▶ vigilância constante
- ▶ perseguição
- ▶ chantagens
- ▶ controle da vida social

Violência sexual

- ▶ sexo forçado
- ▶ sexo forçado com outras pessoas
- ▶ sexo em troca de dinheiro ou bens
- ▶ obrigar a ver pornografia
- ▶ impedir o uso de método contraceptivo (camisinha, pílula, etc.)
- ▶ forçar uma gravidez
- ▶ forçar um aborto

Violência "virtual"

- ▶ divulgar/compartilhar fotos e vídeos íntimos pela internet e/ou redes sociais sem autorização da mulher com o propósito de humilhá-la ou chantageá-la.
- ▶ utilizar redes sociais e celulares para propagar comentários depreciativos em relação à mulher.

Violência moral

- ▶ xingamentos
- ▶ injúrias
- ▶ calúnias
- ▶ difamações
- Ex. chamar de louca, "vadia", prostituta, acusar de traição.

Violência patrimonial

- ▶ quebrar celulares e objetos pessoais
- ▶ rasgar fotos
- ▶ quebrar móveis
- ▶ rasgar roupas
- ▶ estragar objetos de trabalho



Violência física

- ▶ tapas
- ▶ socos
- ▶ chutes
- ▶ apertar o pescoço
- ▶ agressões com armas ou outros objetos
- ▶ queimaduras
- ▶ amarras
- ▶ tortura
- ▶ feminicídio (assassinato)



2023
6ª EDIÇÃO

Só olho roxo é violência?

Lei 14.188/2021, que alterou o Código Penal, foi sancionada recentemente e prevê expressamente punição para os agressores que praticam violência psicológica.

- O tipo de violência mais notificado contra deficientes é a física, presente em 53% dos casos, seguida de violência psicológica (31%) e negligência/abandono (29%).
- A violência física tem mais registros para todos as pessoas com deficiência, exceto para aquelas com deficiências múltiplas, em que prevalece a negligência (50% dos casos).
- A violência sexual se destaca entre as pessoas com deficiência intelectual (35%). Em termos de gênero, as proporções de violência psicológica e violência sexual são mais altas para mulheres (35% e 28%, respectivamente) do que para homens (25% e 10%), em compensação, as proporções de negligência são maiores para homens (38% contra 24%), mas, mesmo neste caso, as notificações de mulheres superam as dos homens (1.171 contra 1040).
- De forma geral, as taxas de notificações de violências contra mulheres são mais de duas vezes superiores às de homens, exceto quando a vítima é pessoa com deficiência visual, quando a superioridade é inferior a 25%.
- A violência doméstica é a principal situação envolvendo violência contra pessoas com deficiência, atingindo sobretudo as mulheres. Os dados de 2019 para os grupos de "contexto/autoria" indicam, em termos gerais, que a violência doméstica representava mais de 58% das notificações de violência contra pessoas com deficiência, seguida por violência comunitária (24%). Em termos de gênero, a violência doméstica é ainda maior para as mulheres (60%), enquanto para os homens a violência comunitária é um pouco maior (26%) .
- "A notificação de violência doméstica é alta, mesmo considerando os obstáculos à notificação relacionados à natureza privada do local de ocorrência, à dinâmica do poder familiar ou tutelar e às relações de afeto entre vítima e agressor. Em termos de políticas públicas, isso é um alerta também para as equipes da Estratégia Saúde", diz o Atlas.
- Analisando os grupos de "contexto/autoria" a partir do tipo de deficiência, nota-se que a violência doméstica representa ao menos metade dos casos: 70% daqueles de pessoas com mais de uma deficiência, 65% dos registros para pessoas com deficiência física, 59% das notificações de pessoas com deficiência visual, 54% dos casos de violência contra pessoas com deficiência auditiva e 50% daqueles contra as pessoas com deficiência intelectual.

- **Fonte:** <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>

vozes pela
igualdade
de gênero

2023
6ª EDIÇÃO



Mais de 7,6 mil casos de violência contra pessoas com deficiência foram registrados no Brasil em 2019, o que equivale a quase um por hora, de acordo com dados inéditos divulgados pelo último Atlas da Violência.

A maioria dos casos (58,5%) ocorreu em casa, e as mulheres com qualquer tipo de deficiência são as principais vítimas, com destaque para as com deficiência intelectual, 56,9% das vítimas



Violência contra Pessoas com Deficiência (PcD)

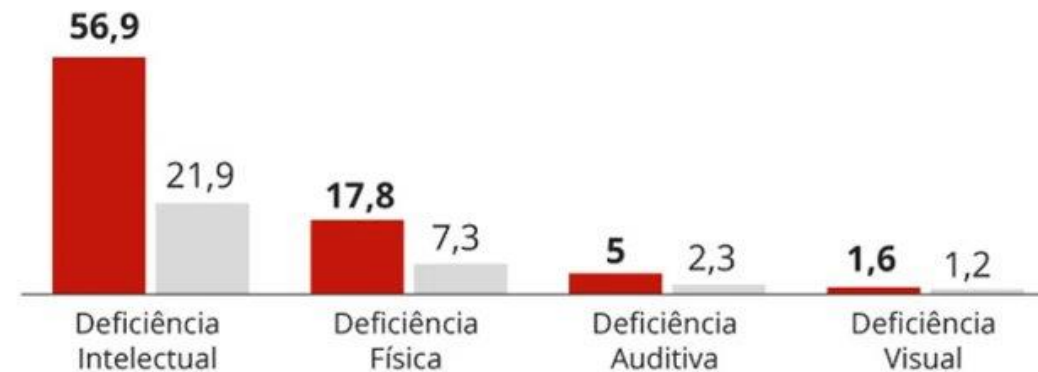
7.602 casos em 2019



58,5% dos casos são de **violência doméstica**

Mulheres são maioria das vítimas de violência para qualquer tipo de deficiência

Por taxa de notificação ■ Mulheres ■ Homens



Por dia, 7 mulheres com deficiência sofrem violência sexual no Brasil

4 DE NOVEMBRO DE 2021

Levantamento exclusivo mostra ainda que 54% das vítimas são negras e, em 34% dos casos, o sexismo foi a motivação. Fundadora do Coletivo Feminista Helen Keller, Carolini Constantino diz que os instrumentos atuais de acolhimento e prevenção à violência contra a mulher não são suficientes para proteger e atender as mulheres com deficiência

As mulheres são afetadas pela invisibilização da própria sexualidade, como se não pudessem ter direito aos seus corpos e, quando enfrentam uma situação de abuso, são tão culpabilizadas quanto as mulheres sem deficiência, pois paira a ideia de que estão em um corpo que, aos olhos dos outros, precisa ser consertado e não pode ser sexualizado.

Vide interessante pesquisa de Regiane Lucas de Oliveira Garcêz, professora de Comunicação da UFMG

<https://www.generonumero.media/reportagens/violencia-sexual-mulheres-deficiencia/>



86%

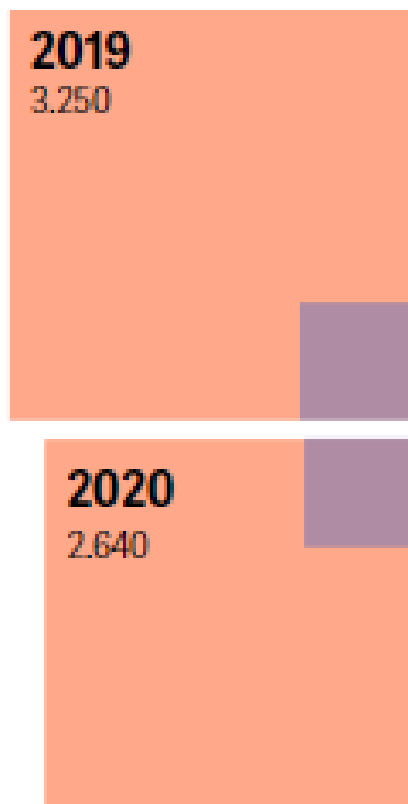
das pessoas com deficiência que sofreram violência sexual em 2020 eram mulheres



54%

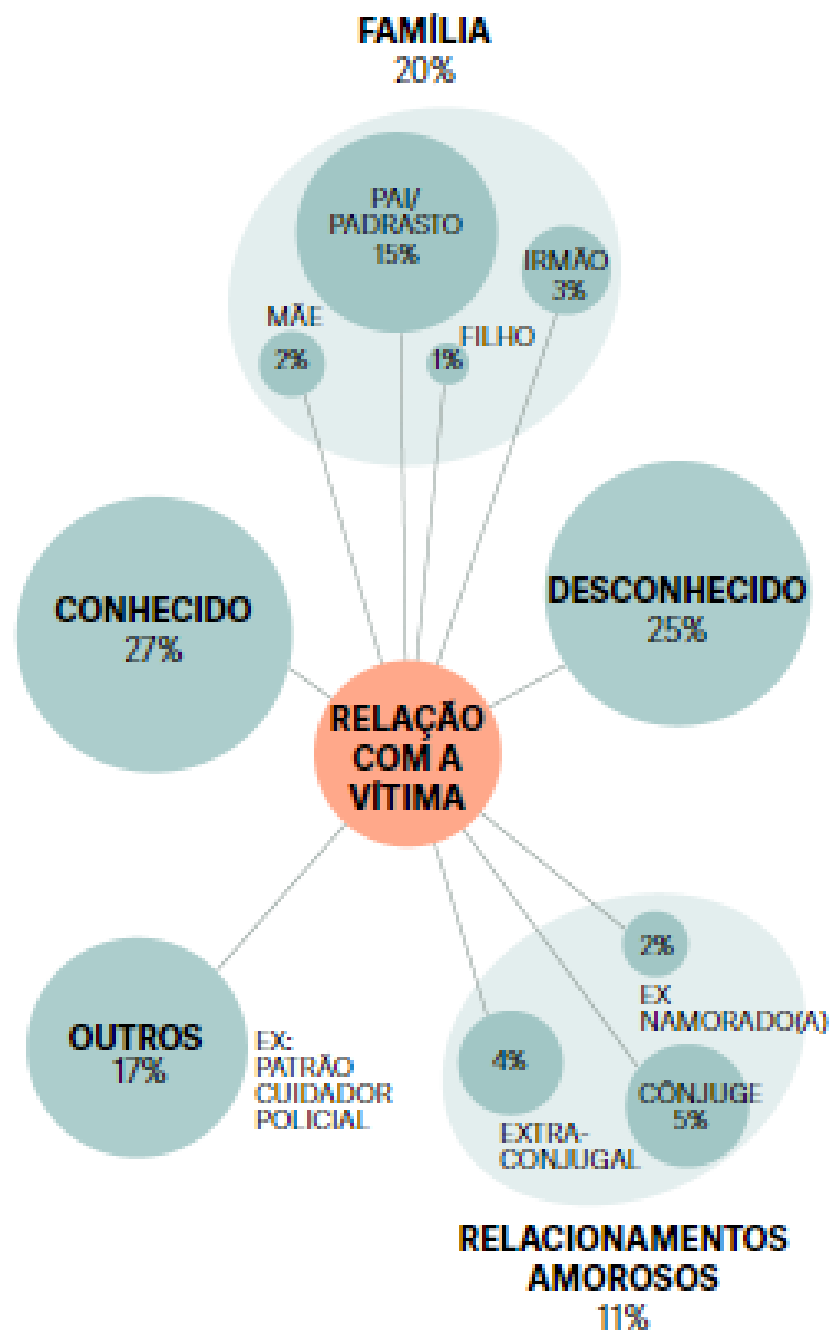
delas eram negras

Total de mulheres com deficiência que sofreram violência sexual



8%

estavam grávidas quando procuraram o sistema de saúde em ambos os anos



34%
dos casos em 2020
tiveram como
motivação o sexismo



91%
da violência sexual
cometida foram de
autoria masculina

FONTE SINAN



Para este tema, o Atlas da Violência, elaborado a partir de uma parceria entre o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), o Instituto de Econômica Aplicada (Ipea) e o Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN), usou dados do Viva-Sinan (Vigilância de Violência Interpessoal e Autoprovocada), do Ministério da Saúde, registrados por profissionais de saúde, e excluiu as autoprovocadas.

A segunda base de dados utilizada é a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2013, realizada pelo IBGE, que buscou produzir dados sobre a situação de saúde da população brasileira, inclusive das pessoas com deficiência, a partir de autodeclarações.

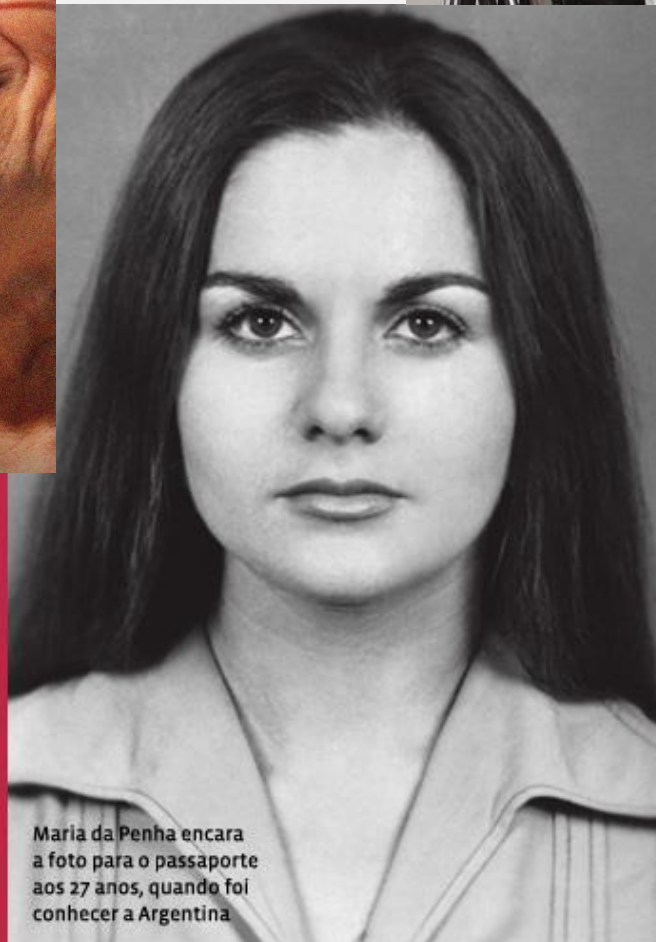
"A VIDA
COMEÇA
QUANDO A
VIOLÊNCIA
ACABA."

MARIA DA PENHA

MARIA DA LEI

Maria da Penha Maia Fernandes é uma sobrevivente. Seu marido tentou matá-la duas vezes. A primeira, com um tiro nas costas que a deixou paraplégica. A segunda, eletrocutada no chuveiro. Ela foi à forra – além de prender o criminoso, batizou a lei que protege a mulher vítima da violência doméstica

POR DÉCIO GALINA, DE FORTALEZA | FOTOS ARQUIVO PESSOAL



Maria da Penha encara a foto para o passaporte aos 27 anos, quando foi conhecer a Argentina

Maria da Penha Maia Fernandes nasceu em Fortaleza - Ceará no ano de 1945, graduou-se como farmacêutica bioquímica e em 1974 iniciou seu mestrado na Universidade de São Paulo. Lá conheceu Marco Antonio Heredia Viveros, um mestrando de economia colombiano, amigo de todos, solidário, companheiro, até que começaram a se relacionar.

Em 1976 casaram-se e em seguida tiveram sua primeira filha. Assim que Maria concluiu seu mestrado, retomaram a fortaleza, onde Maria retomou a sua função de farmacêutica em uma empresa. Já em Fortaleza, nasce a segunda filha do casal, e desde então Marco Antonio mudou de personalidade e se tornou agressivo. A partir daí a história da mulher que dá nome à Lei mais conhecida do país se aproxima de muitas outras mulheres brasileiras. Diante de brigas rotineiras e o pedido de separação negado.

No dia 29 de maio de 1983, Maria da Penha acordou com o barulho de tiro disparado por seu marido em direção às suas costas, o qual fez com que ela passasse a vivenciar uma nova realidade, agora enquanto mulher com deficiência. A versão de Marco era que o tiro teria vindo dos assaltantes, mas Maria sabia que tinha sido ele.

Após quatro meses no hospital, ela ganhou alta e voltou para casa, e lá permaneceu quinze dias em cárcere privado. Foram dias de muita violência, até o ponto de sofrer uma nova tentativa de feminicídio através de chuveiro elétrico que foi propositalmente danificado para eletrocutá-la.

Desesperada, conseguiu ajuda de sua família que providenciou toda documentação necessária para que ela conseguisse sair de casa sem que isso fosse considerado abandono de lar, visto o medo que tinha de perder o direito à guarda de suas filhas. Porém, não foi suficiente, o poder judiciário não tomou nenhuma providência eficaz sobre o caso.



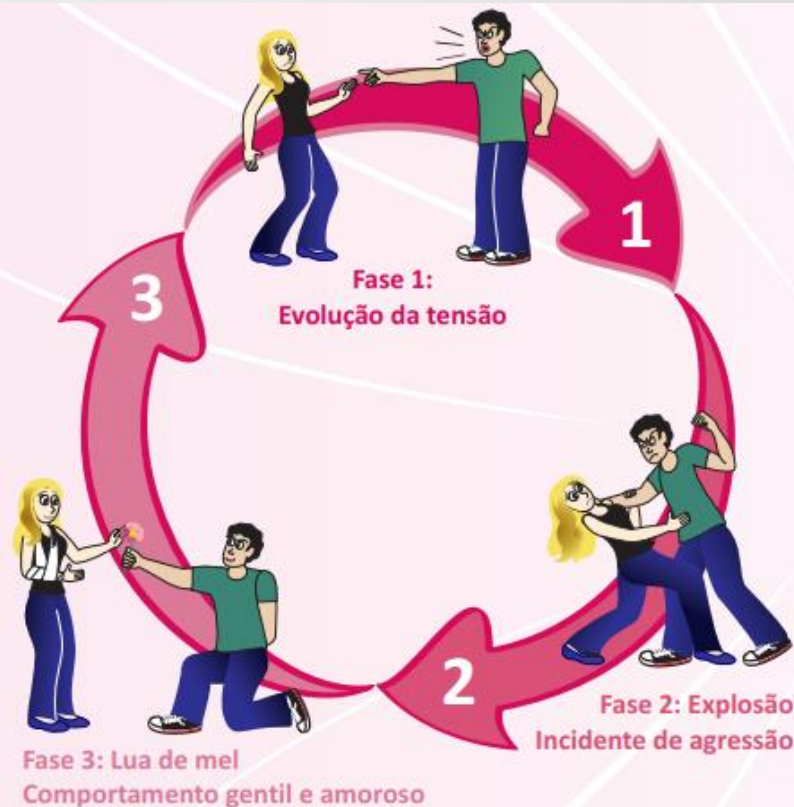
A repetição do “Ciclo da Violência Doméstica”, frequentemente, leva a mulher a acreditar que não pode controlar as agressões praticadas por seu companheiro ou ex-companheiro. Isto pode gerar um intenso sentimento de desamparo e o pensamento de que “não há saída”. Por estas razões, a mulher pode permanecer muito tempo em uma relação violenta e enfrentar dificuldades para procurar ajuda.



É preciso compreender que a dificuldade de agir ou reagir não é culpa da mulher, mas decorre de um aprendizado emocional criado pela própria situação de violência.

Pesquisadores(as) chamam este “aprendizado” de “síndrome do desamparo aprendido”.

Ciclo da violência



CONTEXTO SOCIAL



Adaptado de Hassouneh-Phillins (2005)

Direitos sexuais e reprodutivos.



Descrição da imagem: Sobre fundo amarelo, uma mulher nua está deitada de lado, com as pernas dobradas, o cotovelo direito toca a coxa direita. Ela tem longos cabelos vermelhos, usa uma prótese na perna direita e tem todo o corpo envolvido por ramos de orquídeas com folhas e flores de cor azul claro. Fim da descrição.

Mulheres com Deficiência: Garantia de Direitos para Exercício da Cidadania

Vivemos numa sociedade totalmente capacitista e machista, na qual as pessoas, de modo geral, enxergam as mulheres com deficiência de forma paradoxal e mítica: por vezes assexuada, por vezes hipersexualizada. Na concepção assexuada, as pessoas entendem que as mulheres com deficiência não possuem sexualidade, que são infantis e incapazes de fazer coisas cotidianas e suas próprias escolhas em relação à sexualidade. É muito comum também ver as pessoas acreditando que sabem o que é melhor para a vida sexual das mulheres com deficiência como, por exemplo, em casos em que as mulheres com deficiência são esterilizadas sem consentimento e/ou impedidas de viverem sua vida sexual. Na ideia de hipersexualização, por sua vez, as pessoas acreditam que mulheres com deficiência, principalmente as mulheres com deficiência intelectual, possuem, necessariamente, mais libido que as demais pessoas.



2023
6ª EDIÇÃO

DIREITOS SEXUAIS

Viver livremente sua sexualidade sem qualquer discriminação e violência;

Decidir sobre sua vida sexual, bem como, sobre a escolha de parcerias;

Decidir sobre se quer ou não ter relações sexuais;

Expressar livremente e sem discriminação a sua orientação sexual;

Receber atendimento de saúde sexual adequado e sem discriminação;

Manter seus assuntos privados em sigilo, por parte dos profissionais;

Relacionar-se sexualmente de forma segura, decidindo sobre meios de prevenção de gestações indesejadas e doenças sexualmente transmissíveis.

DIREITOS REPRODUTIVOS

Decidir se quer ou não ter filhos, quando e quantos pretende ter;

Decidir sobre seu ciclo menstrual e sobre métodos anticonceptivos;

Ter acesso às informações e procedimentos escolhidos, de forma acessível;

Ter suas decisões respeitadas sobre os tratamentos e meios escolhidos;

Receber atendimento de saúde reprodutiva adequada e sem discriminação;

Decidir sobre a interrupção de gestão indesejada.

✘ **MITO:** pessoas com deficiência são incapazes de construir e manter um relacionamento amoroso e sexual.

✘ **MITO:** pessoas com deficiência são hipersexuadas (seus desejos são exagerados e incontroláveis).

✘ **MITO:** pessoas com deficiência são assexuadas (não têm necessidades sexuais).

✘ **MITO:** pessoas com deficiência têm disfunções sexuais relacionadas ao desejo, à excitação e ao orgasmo.

✘ **MITO:** pessoas com deficiência são estéreis ou geram filhos com deficiência.



“Não cobram que as deficientes sejam mães, acham que somos dependentes”

<https://www.instagram.com/tabatacontri/#>





@le_guilherme - De todas as minhas relações abusivas, a que eu tive com a minha deficiência foi a pior delas.

De toda a pouca humanidade que me permitiram ter e de todas as minhas relações abusivas que se seguiram disso, ter uma relação abusiva com minha deficiência foi a mais difícil delas.

Odiei esse corpo aqui que vos mostro por tantas vezes, tantos dias, tantos meses. Odiei suas curvas, sua forma, suas dores. Odiei tanto que fingi que não existia. Nunca pensei em me curar, era só fingir que minha deficiência não era real. E passei muito tempo assim. Hoje, meu cabelo ainda cobre e esconde boa parte das deformidades que minha deficiência me causou, mas felizmente ela segue intacta em mim, no meu material genético e na minha existência. Por tudo que me odiei, me peço desculpas, principalmente porque essa culpa nunca foi (e nunca será) minha.

Hoje é Dia Internacional da Luta da Pessoa com Deficiência e o que nos desejo aqui é uma vida mais humana e digna, com menos ódio as nossas existências.

O capacitismo é uma opressão estrutural e só haverá transformação social quando vcs, pessoas sem deficiência, desfizerem o pacto hegemônico e coletivo que existe contra pessoas com deficiência. A inacessibilidade e a exclusão são escolhas que vcs fizeram pra nos segregar e descartar! Chega de desculpas! Vamos mudar isso!

fotos
lingerie
espaço:

por:
por:

[@maricazen](#)
[@beautywear.oficial](#)
[@casalicestudi](#)

https://www.instagram.com/le_guilherme/





<https://www.instagram.com/cadeirantenocaminho/?hl=pt#>
<https://www.instagram.com/selmarodeguero/?hl=pt#>



Capacitismo e infância/adolescência



RELATÓRIO UNICEF 2013: Situação Mundial da Infância 2013: Crianças com deficiência

[PT_SOWC2013.pdf \(inee.org\)](#)

ACHADOS:

- ✓ A incidência e o risco de maus-tratos é maior em crianças com deficiência do que em seus pares sem deficiência.
- ✓ Crianças com deficiência têm 3,7 mais chances de serem submetidas a medidas combinadas de violência, 3,6 maior probabilidade de serem vítimas de violência física e 2,9 vezes de sofrerem algum tipo de abuso sexual.
- ✓ Entre os motivos para a maior incidência e o maior risco de violência em crianças com deficiência está o estresse dos genitores ou das famílias quanto aos cuidados que elas demandam.
- ✓ Crianças com dificuldades de comunicação ficam mais vulneráveis à violência, uma vez que a limitação pode prejudicar sua capacidade de denunciar experiências abusivas.
- ✓ Crianças com deficiência são as menos propensas a receber cuidados de saúde ou ir à escola.
- ✓ Há indícios de que o tipo de deficiência afeta a prevalência e o risco de violência. Crianças com deficiência intelectual ou transtorno mental, por exemplo, apresentam probabilidade 4,6 vezes maior de serem vítimas de violência sexual.
- ✓ Meninas com deficiência são as principais vítimas de abusos e, em muitos países, são obrigadas a se submeter à esterilização ou aborto como medidas preventivas de menstruação ou gravidez indesejada, justificada pela noção errônea de 'proteção à criança', dada a vulnerabilidade de meninas com deficiência a abuso sexual e estupro.



Unicef alerta:
crianças com
deficiências
"estão entre as
pessoas mais
marginalizadas
no mundo".

Violência sexual e capacitismo

[Quando a violência sexual atinge as crianças com deficiência \(lunetas.com.br\)](https://lunetas.com.br)

Para Ana Rita de Paula, psicóloga e doutora em psicologia clínica pela Universidade de São Paulo (USP), autora do livro “Sexualidade e Deficiência – Rompendo O Silêncio”, o capacitismo é um dos principais motivos para este índice. Capacitismo é o nome que se dá ao preconceito direcionado a pessoas com deficiência.

A psicóloga explica que a denúncia de uma criança com deficiência tem menos peso ou valor por conta desse tipo de preconceito. “Os pais conversam pouco sobre sexualidade com os filhos, e isso é potencializado quando se trata de crianças com deficiência pois elas, muitas vezes, são compreendidas como assexuadas, que supostamente não teriam nenhum desejo ou vontade sexual”, explica.



"A denúncia de uma criança com deficiência pode ser ainda menos 'creditada' por conta do capacitismo"

[Quando a violência sexual atinge as crianças com deficiência \(lunetas.com.br\)](https://lunetas.com.br)

Uma a cada três crianças com deficiência no mundo sofreu violência.

Peso aumentado da violência

Segundo o estudo (março 2022), a maioria das crianças com deficiência – mais de 94% – vive em países de baixa e média renda, onde convergem vários riscos. **Estigma, discriminação, falta de informação sobre deficiência e de acesso inadequado a apoio social para cuidadores contribuem para os níveis mais altos de violência sentida por crianças com deficiência.**

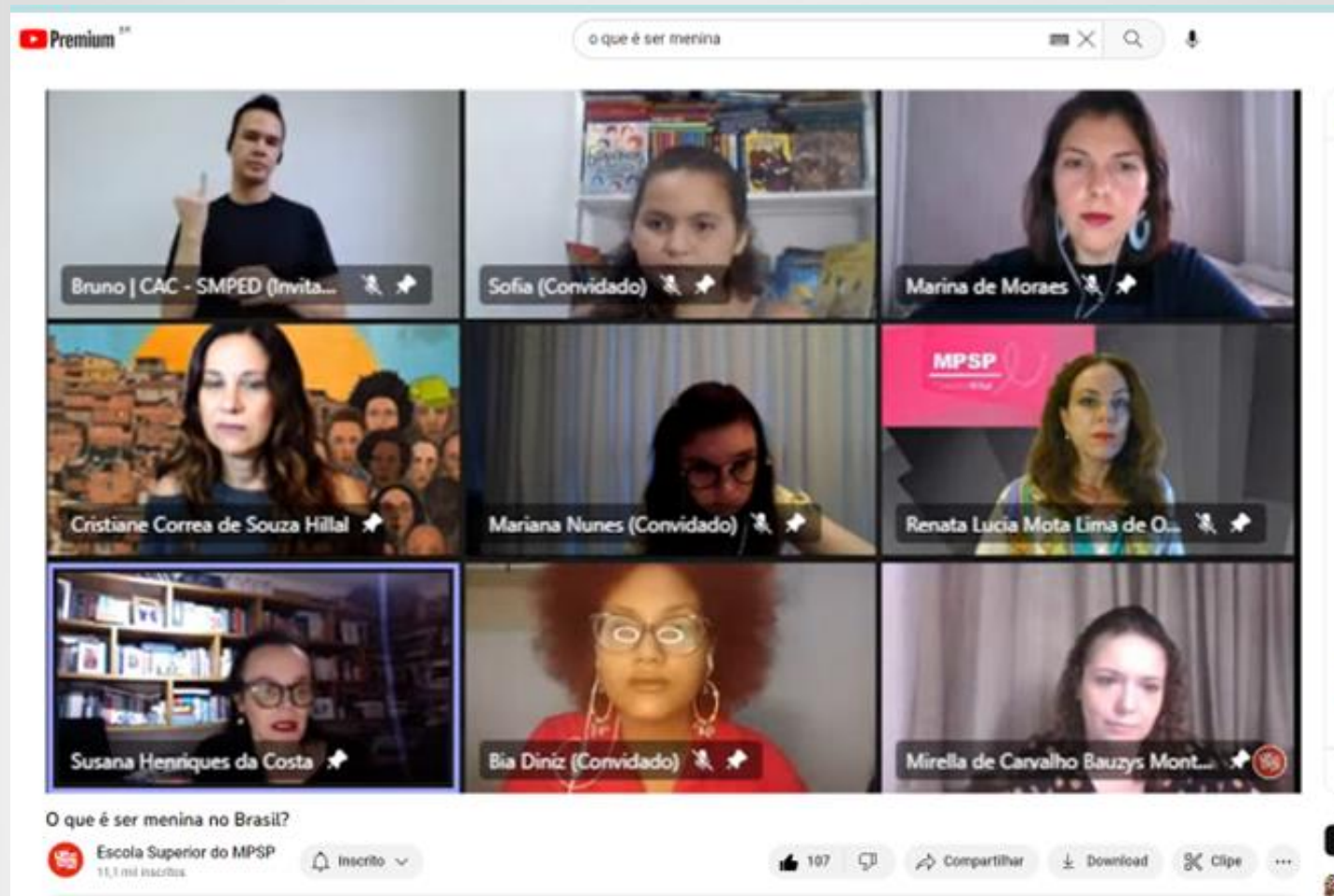
A situação pode ser ainda mais agravada pela pobreza e pelo isolamento social. Os desafios únicos enfrentados por crianças com deficiência, como a incapacidade de verbalizar ou de se defender, também podem torná-las alvo de violência.



O alerta é de um amplo estudo de revisão com base em pesquisas realizadas entre 1990 e 2020, envolvendo mais de 16 milhões de indivíduos de 25 países, incluindo o Brasil. Os resultados foram publicados no periódico científico The Lancet Child & Adolescent Health (março 2022).

O QUE É SER MENINA NO BRASIL?

Com Mariana Nunes, menina com deficiência.



<https://www.youtube.com/watch?v=nKFonRvDcVk&t=5s>

Capacitismo e racismo



Cabe manifestar que 30,9% das mulheres negras são mulheres com deficiência, de acordo com o CENSO de 2010.



Discriminação interseccional é quando uma pessoa sofre discriminação por mais de um motivo ao mesmo tempo. Por exemplo, uma mulher negra com deficiência pode sofrer discriminação por conta de sua deficiência, gênero e raça.

- Na população branca temos 25,7% de mulheres com deficiência (McD) contra 21,0% de homens com deficiência (HcD);
- Na população negra há 30,9% de McD contra 23,5% de HcD;
- Na população de origem asiática, há 29,4% de McD contra 24,3% de HcD;
- Na população que se declarou “parda”, são 26,6% de McD contra 21,0% de HcD;
- A população indígena apresenta 21,8% de McD contra 18,4% de HcD.

A história da escravidão no Brasil e as conceituações socioculturais de deficiência como infortúnio ou fraqueza têm colocado pessoas negras com deficiência com mais frequência nas posições mais vulneráveis e violentas da sociedade brasileira.

Os dados do Censo também mostra que os negros são significativamente mais propensos a viver em áreas inacessíveis para cadeiras de rodas e com pavimentos, saneamento, iluminação e drenagem inexistentes ou inadequados.



Menos de 1% da população negra com deficiência acessa a universidade pública no Brasil

Confira os dados obtidos pelo movimento Vidas Negras com Deficiência Importam (VNDI)

Postado por Daniele Marques em 24/04/2023



Pesquisa relata que mais de 40% de mulheres negras com deficiência estão propensas a serem vítimas de violência. Foto: Freepik



Violência institucional

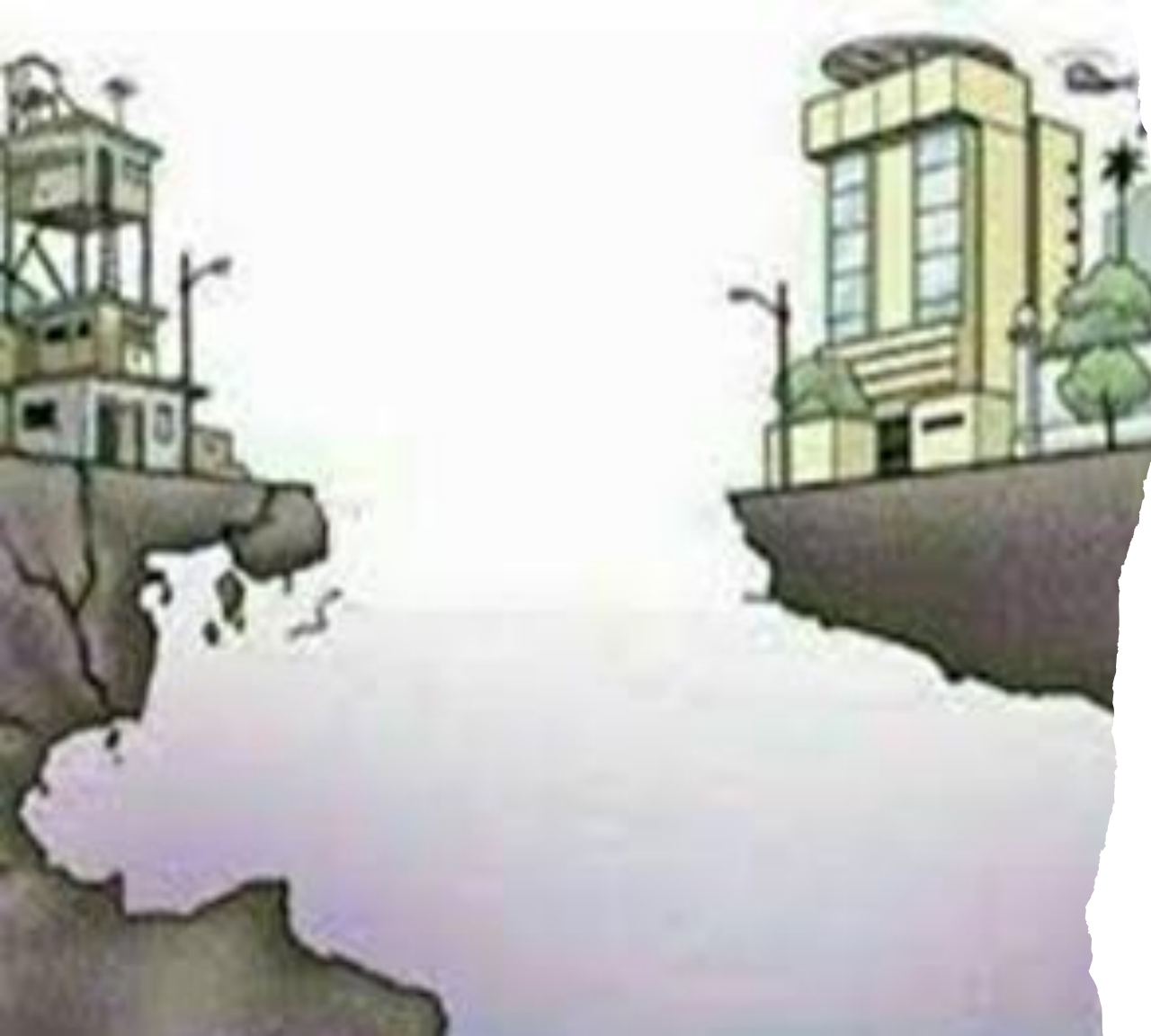


10 Colocar, nas políticas de segurança pública, ações para acabar com a violência contra pessoas negras com deficiência, com mais cuidado com as pessoas mais atingidas pela violência estrutural, como mulheres negras com deficiência e pessoas com deficiência intelectual.

Protestos de julho de 2022 no Brasil após a tortura e assassinato de Genivaldo de Jesus Santos, um homem negro diagnosticado com esquizofrenia, pela Polícia Rodoviária Federal brasileira em 25 de maio de 2022. Crédito: Thiago Fernandes. Thiago Fernandes é fotógrafo e negro com deficiência que trabalha na Uneafró Brasil.

Capacitismo e desigualdade social





O fortalecimento da democracia passa pela luta por melhores condições de vida para todos, buscando a liberdade e a autonomia de todo e qualquer **cidadão**. Contudo, as desigualdades existentes em nossa sociedade dificultam essa luta, fazendo com que grupos sociais vulneráveis, como no caso das pessoas com deficiência (PcD), não tenham pleno acesso às suas **garantias e direitos fundamentais**.

Muito dessa realidade de difícil acessibilidade se deve às práticas discriminatórias como o **capacitismo**, que contribui para a construção de desafios e obstáculos para a participação ativa das pessoas com deficiência nos mais diversos âmbitos sociais, econômicos, políticos e culturais.

Para se ter uma ideia, o **Banco Mundial** estima que 20% das pessoas mais pobres no mundo possuem alguma deficiência e, conseqüentemente, tendem a ser consideradas como as mais desfavorecidas em suas comunidades.

Com isso, mesmo com a **Lei nº 8.213/1991**, que estabelece que empresas com mais de 100 funcionários devem preencher de 2% a 5% dos seus cargos com pessoas com deficiência, segundo dados de 2018 do **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados**, apenas **1%** das pessoas com deficiência no Brasil possuíam emprego formal.

Além disso, há uma grande dificuldade no acesso a cargos de liderança pelos profissionais com deficiência no país. De acordo com pesquisa feita pelo **Santo Caos** em parceria com a Catho, em 2019, somente 10% dos trabalhadores com deficiência ocupavam postos de liderança, sendo que o maior percentual (57%) se concentrava em cargos de baixa valorização.

Além de representar um sintoma do capacitismo, uma das possíveis justificativas para esse baixo índice é o difícil acesso à educação de qualidade pelas pessoas com deficiência. Algo que acaba impossibilitando a qualificação e o desenvolvimento dessas pessoas.

A violência sob a forma de exclusão do mercado de trabalho.



O que as empresas não têm?

Percentual de empresas que não têm certos tipos de trabalhadoras, em % do total



Mulheres negras

Não:
24,2%



Mulheres com
deficiência

Não:
69,4%



Mães

Não:
9,7%



Mulheres em cargos
de chefia

Não:
27,4%



Capacitismo e LGBTfobia





Apenas o capacitismo contribui com a manutenção dos mitos sobre a sexualidade das pessoas com deficiência?

O capacitismo e o sexismo contribuem com a manutenção dos mitos sobre a sexualidade de mulheres e homens com deficiência. Além disso, a heteronormatividade e a cisnormatividade também atingem as pessoas com deficiência. Geralmente, não se imagina uma pessoa com deficiência sendo lésbica, gay, bissexual, transexual ou travesti, considerando qualquer expressão de desejo não heteronormativo ou identidade de gênero não cisnormativa frutos do mito de hipersexualidade das pessoas com deficiência. Portanto, combater todas as formas de opressão, como descrito na educação sexual emancipatória é necessário para a garantia dos direitos sexuais e reprodutivos para todas, todes e todos.

Identidade de gênero

É como a pessoa se reconhece

Orientação sexual

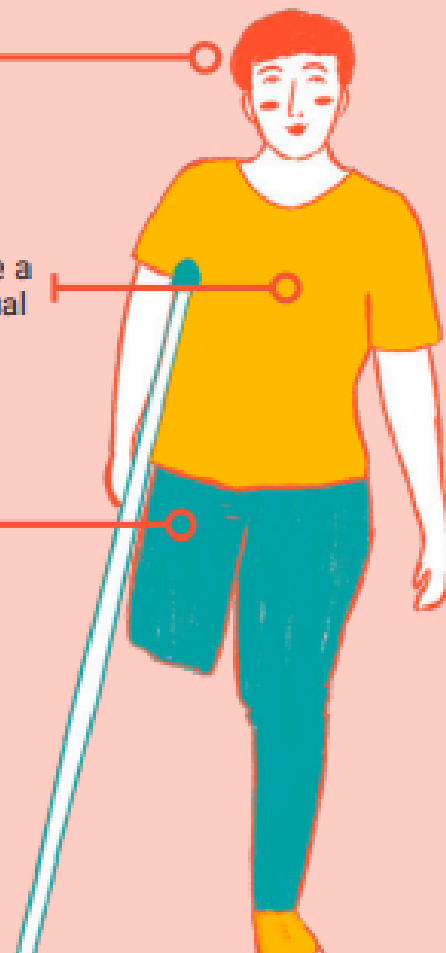
Se refere à sexualidade da pessoa e a quem ela sente atração afetivo-sexual

Sexo biológico

É a classificação como sexo masculino, sexo feminino ou intersexual

Papel de gênero

É o padrão de compartamento masculino e feminino, como a sociedade espera que homens e mulheres se comportem



Descrição da imagem. À direita, o desenho de uma mulher branca de cabelos curtos vermelhos. Ela tem a perna direita até a altura da coxa e apoia-se em uma muleta no braço direito. À esquerda, uma seta aponta para a cabeça da mulher com o texto: Identidade de gênero é como a pessoa se reconhece. Uma seta parte do coração com o texto: Orientação sexual se refere à sexualidade da pessoa e a quem ela sente atração afetivo-sexual. Uma seta na altura do quadril com o texto: Sexo biológico é a classificação como homem ou mulher ou intersexual. Na parte inferior o texto: Papel de gênero é o padrão de comportamento masculino e feminino, como a sociedade espera que homens e mulheres se comportem. Fim da descrição.



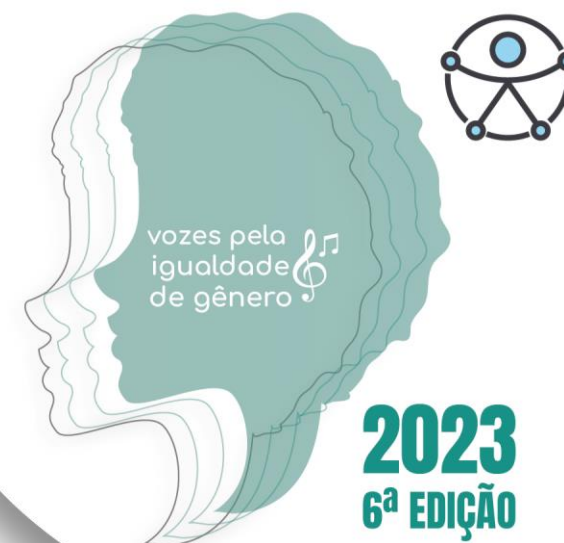
2023
6ª EDIÇÃO

- De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2018, 1 bilhão de pessoas possuíam algum tipo de deficiência, seja ela física, auditiva, visual, mental ou múltipla. No Brasil, o número fica em aproximadamente 45 milhões de pessoas, ou cerca de 24% da população, como indica o Censo de 2010 do IBGE. Em atualização no ano de 2018, o número caiu para 6,7% devido à alterações nos indicadores de dificuldades usados na mesma base de classificação.
- Dados do Brasil de Fato, estimam que as pessoas LGBTQIA+ representam 10% da população do país. Uma [pesquisa da PUC-RS](#) de 2015 indica que, entre os jovens brasileiros de 24 à 35 anos, 27,9% são homossexuais ou bissexuais. No entanto, estes números não correspondem ao total de pessoas da comunidade no país, pois não há informações públicas para a identificação desse grupo.
- Conforme dados da organização Grupo Gay da Bahia, contabiliza-se 1 morte a cada 19 horas da população LGBT e, em casos de agressões, esse tempo se reduz a 1 hora, aponta [pesquisa com base nos dados do SUS](#).
- Além disso, o país é o que mais mata pessoas transexuais e travestis no mundo, como indica a Rede Trans Brasil, onde ocorre um assassinato a cada 26 horas, fazendo com que a expectativa de vida desse grupo seja de apenas 35 anos.
- <https://www.faac.unesp.br/#!/noticia/2060/pessoas-lgbtqia-com-deficiencia-a-intersecao-das-diversidades>

Dentro da realidade interseccional que une a comunidade LGBTQIA+ e as pessoas com deficiência, é comum encontrar situações nas quais uma minoria não enxerga a outra e, por consequência, não lutam pela visibilidade externa das mesmas. Pedro Fernandes comenta que, em questão de proporção, os corpos com deficiência ainda são colocados em invisibilidade: "a gente sempre existiu, mas a gente ainda é invisibilizado dentro do próprio movimento LGBT, e dentro da comunidade heteronormativa mais ainda".



Capacitismo e etarismo



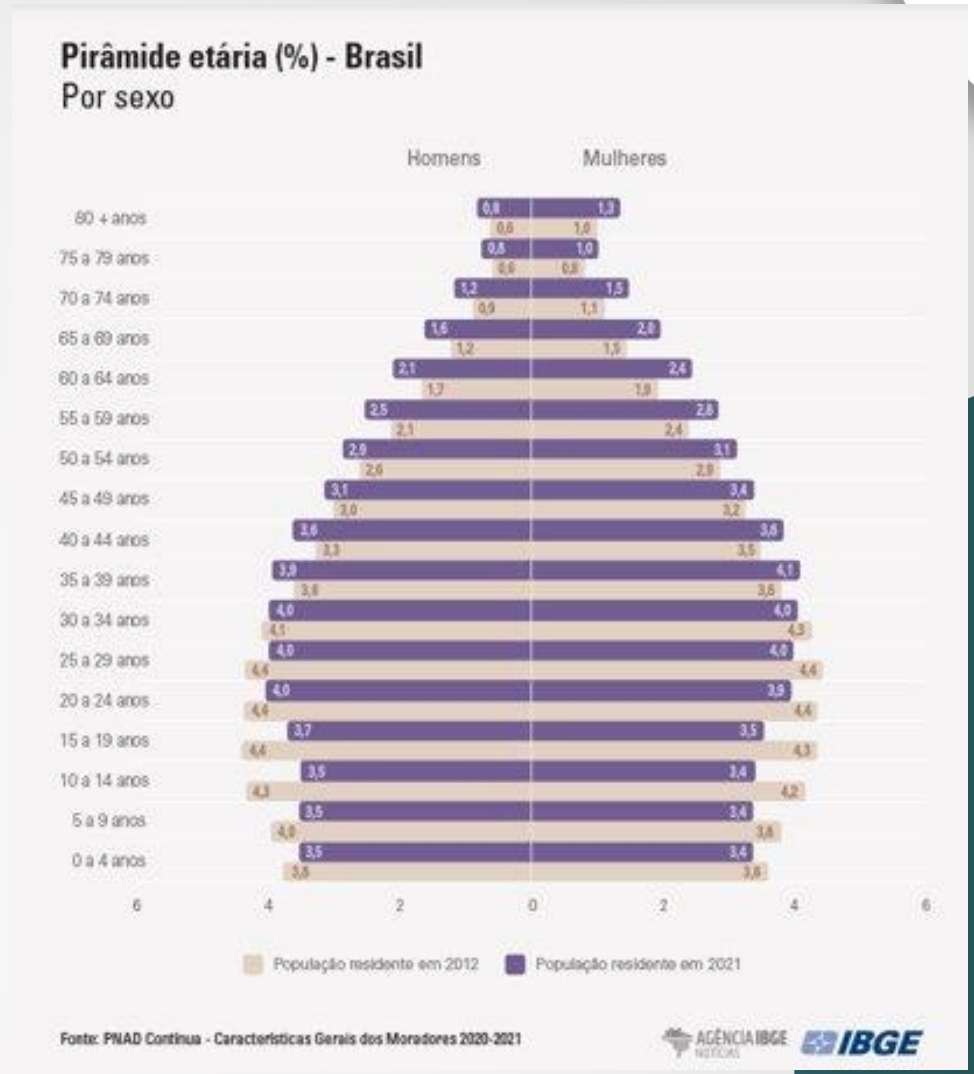
Capacitismo e idadismo/etarismo

- Assim com o capacitismo, o idadismo é uma forma de preconceito e opressão, que atinge as pessoas idosas.
- Pode ser conceituado como discriminação em razão da idade, baseada em estereótipos negativos de pessoas idosas. Dentre os quais a sua infantilização e a presunção do envelhecimento enquanto processo de incapacidade, dependência ou tristeza.
- A discriminação (idadismo) é uma forma de violência contra a pessoa idosa e a prejudica enquanto indivíduo, no seu contexto social, cultural, psicológico, político ou econômico.
- A Constituição Federal de 1988 estabelece como um de seus objetivos fundamentais a promoção do bem estar de todos, sem preconceitos de **idade**, dentre outros.
- E o Estatuto da Pessoa Idosa reconhece a prática como crime, em seu artigo 96, § 1º.



Idadismo e Envelhecimento da População

- A população brasileira está envelhecendo e há previsão de inversão da pirâmide etária em poucas décadas.
- O envelhecimento é um processo que diz respeito à sociedade em geral e deve ser objeto de conhecimento e informação de todos, conforme o artigo 3º, II, Lei 8.842/94 - Política Nacional do Idoso.



Direito ao Envelhecimento e combate ao Idadismo

- O envelhecimento é um direito personalíssimo e sua proteção é um direito social, nos termos do artigo 8º, da citada lei.
- Assim como as crianças e adolescentes, as pessoas idosas tem direito à convivência familiar e comunitária
- É com informação e conscientização que poderemos combater o idadismo e o capacitismo e fomentar a construção de uma sociedade sem preconceitos de qualquer ordem.



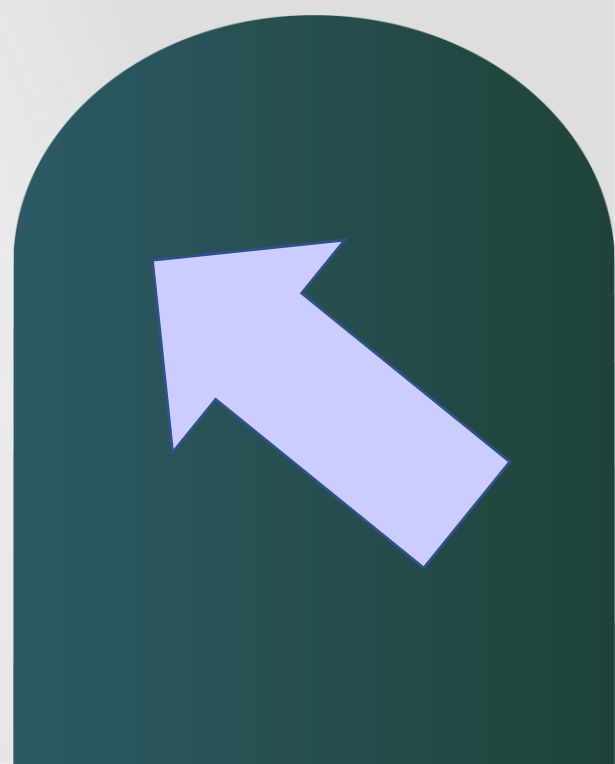
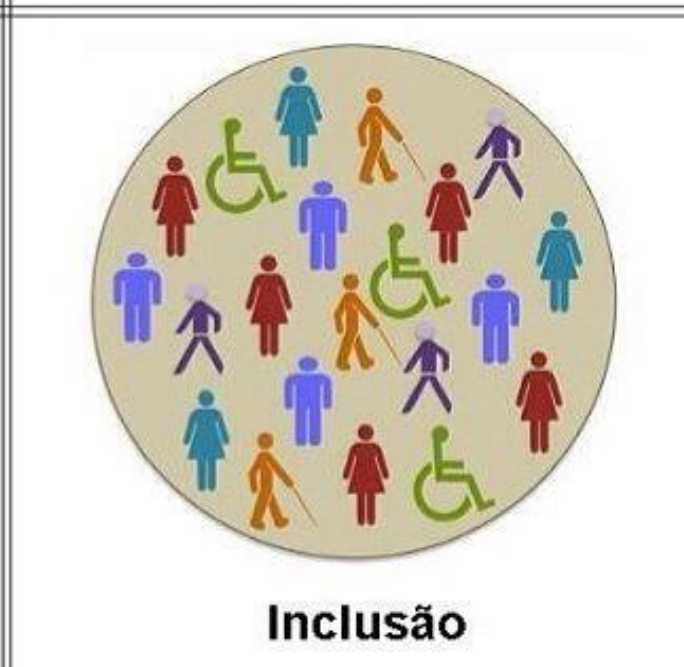
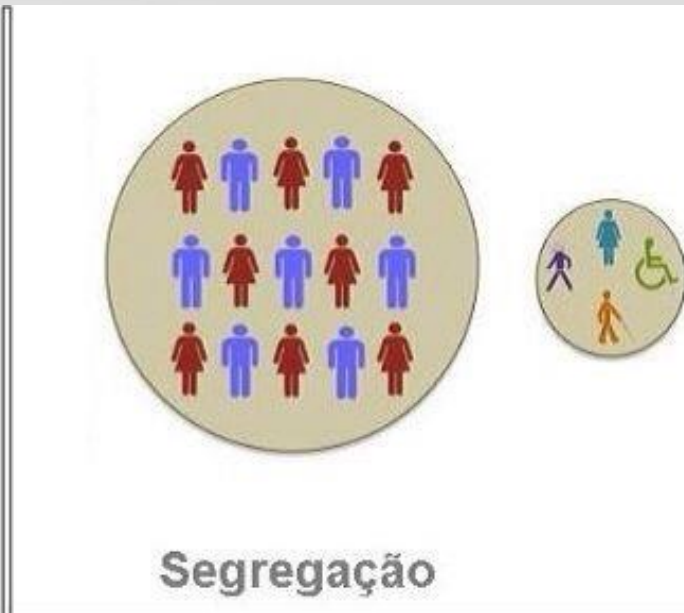
vozes pela
igualdade
de gênero

2023
6ª EDIÇÃO



Da integração à inclusão!





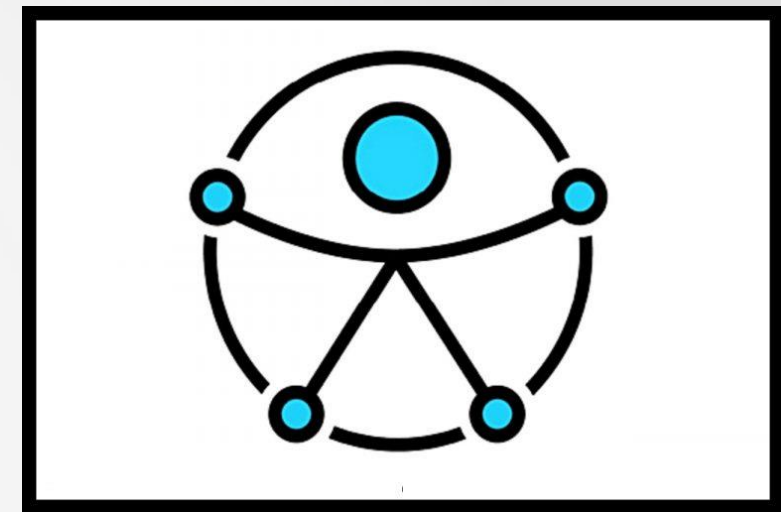
Deficiências ou barreiras.
O que devemos eliminar?



- A deficiência é uma condição, parte das características, entre muitas, que uma pessoa pode ter. Não é algo que possa e nem deva ser eliminado
- Durante muitos anos fomos ensinados a pensar na deficiência como uma tragédia, um castigo e não com um olhar mais inclusivo e natural
- Contudo, a eliminação de barreiras é capaz de proporcionar uma vida com mais independência, autonomia e inclusão à pessoa com deficiência
- O respeito às diferenças contribui para a formação de uma sociedade com muito mais equidade e oportunidades



A evolução do símbolo de acessibilidade:



Espécies de barreiras (dimensões da acessibilidade)

- Urbanísticas
- Arquitetônicas
- Nos transportes
- Nas comunicações e informação
- Atitudinais
- Tecnológicas



Barreiras Urbanísticas, Arquitetônicas e de Transporte: obstáculos que impedem as pessoas de desfrutarem e ocuparem os espaços físicos

- **Urbanísticas:** estão presentes nas vias públicas e espaços de uso coletivo públicos ou privados
- **Arquitetônicas:** existentes nos edifícios públicos e privados
- **De Transporte:** existentes nos meios e sistemas de transporte



Barreiras Atitudinais: atitudes/comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência

- Mais difíceis de se perceber, pois não são “visíveis”
- Trazem o maior impacto para a vida das pessoas
- Geradas pela própria sociedade por meio de julgamentos, crenças, estereótipos e preconceitos
- Relacionada a todas as outras barreiras, pois é a atitude da pessoa que impulsiona acessibilidade



Barreiras Comunicacionais: vivenciadas por pessoas com deficiências que afetam a audição, fala, leitura, escrita e/ou compreensão, e que usam formas de comunicação diferentes das pessoas que não têm essas deficiências

Evite usar:

TEXTO TODO EM MAIUSCULO

Texto todo em itálico

Texto todo em negrito

Fonte cursiva

Fonte desenhada

Texto sem contraste

- Podem ser:
 - vídeos sem legendas, Libras ou Audiodescrição
 - frases/ textos muito longos ou com termos técnicos
 - textos com letras muito pequenas ou sem contraste
- 80% das pessoas surdas possuem dificuldades com as línguas escritas



ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL

LIBRAS

BRAILLE



MÉTODO TADOMA

DIGITAL

AUTODESCRIÇÃO

Barreiras Tecnológicas: barreiras que limitam/impedem o acesso de pessoas com deficiência a tecnologias.

- Apresentam relação com as barreiras comunicacionais
- Atingem também pessoas idosas
- Presentes nas redes sociais, em aplicativos que não permitem a leitura adequada do leitor de telas, em sites que não usam contraste, em imagens piscantes, entre outros



- Você sabia que todo celular possui recursos de acessibilidade para pessoas cegas?
- E que é possível contribuir fazendo a descrição das imagens/vídeos que você posta nas redes sociais?

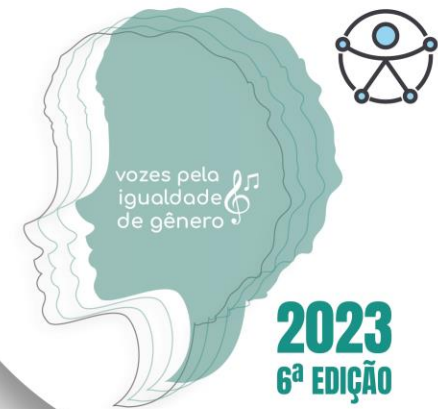


O que é curatela?



Curatela, não. Suportes!

- Instituto jurídico anacrônico à Constituição Federal e à Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência
- A pessoa com deficiência intelectual é privada do exercício de direitos patrimoniais, assumidos por pessoa nomeada por um juiz, sem que necessariamente tenha procurado ser curatelada ou consultada sobre quem será seu curador
- A pessoa com deficiência curatelada não recebe os suportes para o exercício, por si só, de direitos, transferido a um terceiro, em prejuízo de sua autonomia
- Pesquisas empíricas demonstram que a pessoa com deficiência declarada incapaz é vítima de uma série de impactos negativos como sentimento de exclusão social e baixa autoestima, danos psicológicos, perda de credibilidade, aumento da vulnerabilidade e maior dependência.
- Somente em caso extremo (coma ou estado vegetativo) é bem-vinda a substituição da vontade pela curatela.



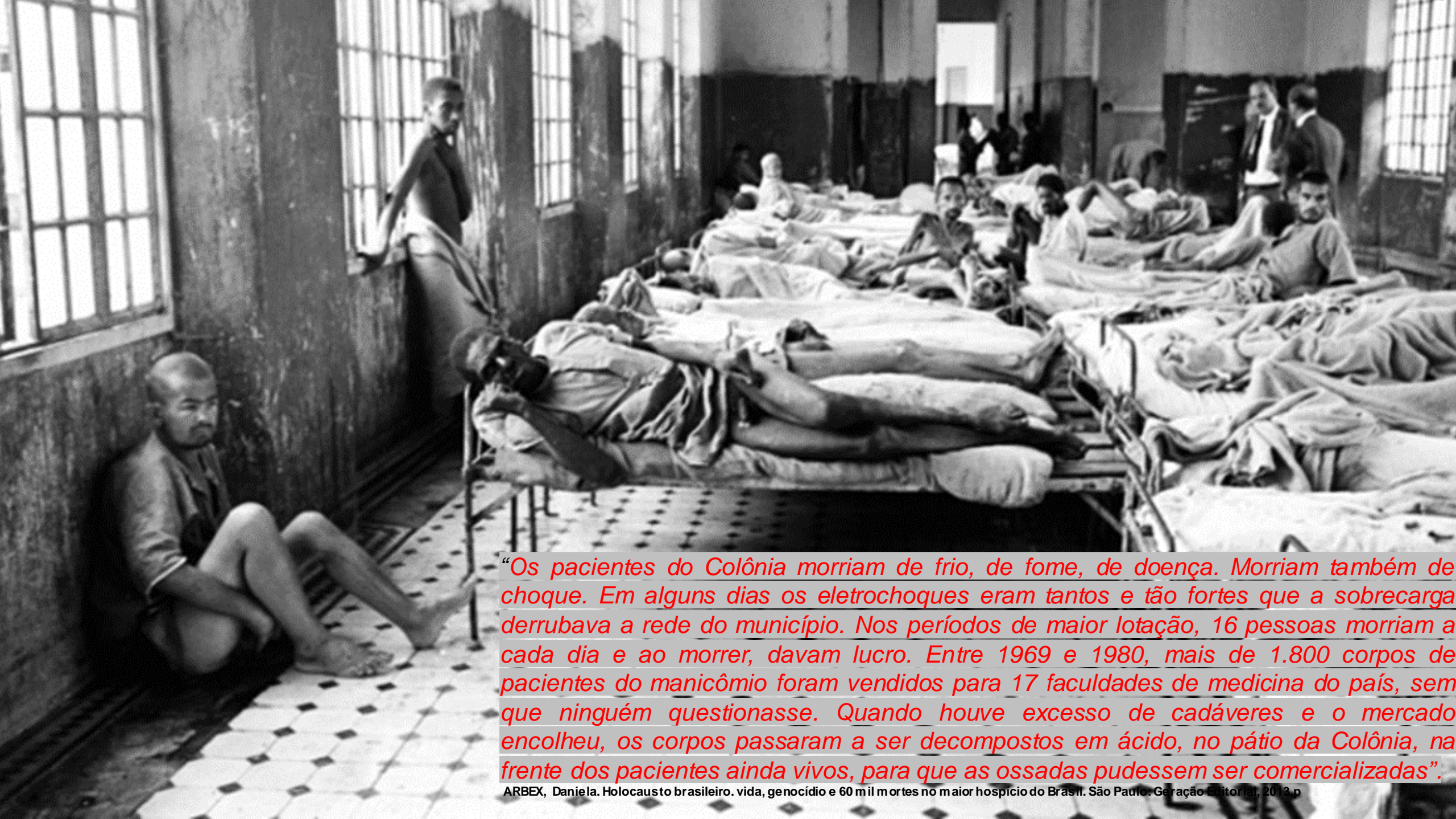


O **art. 6º da Lei Brasileira de Inclusão** é expresso no sentido de que a deficiência não afeta a plena capacidade civil da pessoa, inclusive para:

- casar-se e constituir união estável;
- exercer direitos sexuais e reprodutivos;
- exercer o direito de decidir sobre o número de filhos e de ter acesso a informações adequadas sobre reprodução e planejamento familiar;
- conservar sua fertilidade, sendo vedada a esterilização compulsória;
- exercer o direito à família e à convivência familiar e comunitária;
- exercer o direito à guarda, à tutela, à curatela e à adoção, como adotante ou adotando, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.

A luta antimanicomial como resistência ao capacitismo





“Os pacientes do Colônia morriam de frio, de fome, de doença. Morriam também de choque. Em alguns dias os eletrochoques eram tantos e tão fortes que a sobrecarga derrubava a rede do município. Nos períodos de maior lotação, 16 pessoas morriam a cada dia e ao morrer, davam lucro. Entre 1969 e 1980, mais de 1.800 corpos de pacientes do manicômio foram vendidos para 17 faculdades de medicina do país, sem que ninguém questionasse. Quando houve excesso de cadáveres e o mercado encolheu, os corpos passaram a ser decompostos em ácido, no pátio da Colônia, na frente dos pacientes ainda vivos, para que as ossadas pudessem ser comercializadas”.

O aprisionamento da experiência da loucura e a eliminação da heterogeneidade estão no imaginário de uma sociedade autoritária que vive a ilusão de um mundo uniformizado por homens disciplinados e produtivos, como síntese de virtude.

FOUCAULT, A história da loucura, 1978

No fim da década de 70, muitos movimentos ligados à saúde denunciaram abusos cometidos em instituições psiquiátricas, além da precarização das condições de trabalho, reflexo do caráter autoritário do governo no interior de tais instituições.

Em 18 de Maio em 1987, foi realizado um encontro de grupos favoráveis a políticas antimanicomiais. Nesse encontro, surgiu a proposta de reformar o sistema psiquiátrico brasileiro.

O **Movimento de Luta Antimanicomial** consistiu em um diálogo de conscientização com as instituições legais e com os cidadãos ao elaborar o discurso de que os portadores de transtornos mentais não representam ameaça ou risco ao círculo social. Ao contrário, este seria um grande componente para sua recuperação. Por outro lado, seria necessário uma **reeducação** no modo de compreender os transtornos mentais, não como um estigma, mas um modo alternativo de ver e estar no mundo. O respeito e a conscientização seriam armas necessárias para reformular o modo como os pacientes eram tratados até aquele momento, dentro e fora de instituições responsáveis pelo tratamento.



LEI nº 10.216, DE 6 DE ABRIL DE 2001 (Reforma Psiquiátrica)

- **Art. 4º A internação, em qualquer de suas modalidades, só será indicada quando os recursos extra-hospitalares se mostrarem insuficientes.**
- § 1º O tratamento visará, como finalidade permanente, a **reinserção social** do paciente em seu meio.
- § 2º O tratamento em regime de internação será estruturado de forma a oferecer **assistência integral** à pessoa portadora de transtornos mentais, incluindo serviços médicos, de assistência social, psicológicos, ocupacionais, de lazer, e outros.
- § 3º É **vedada** a internação de pacientes portadores de transtornos mentais em **instituições com características asilares...**



As expressões capacitistas ...

"FINGIR
DEMÊNCIA"

"NÃO TER BRAÇO PARA FAZER
ALGUMA COISA"

"CEGUINHO"

"DAR UMA DE JOÃO SEM
BRAÇO"

"ESTAR MAL DAS
PERNAS"

"MUDINHO"

"VOCÊ ESTÁ CEGO/SURDO?"

"RETARDADO"

"DAR UMA MANCADA"



A inclusão escolar.

"É necessário entender que inclusão não é treinar normalidade"

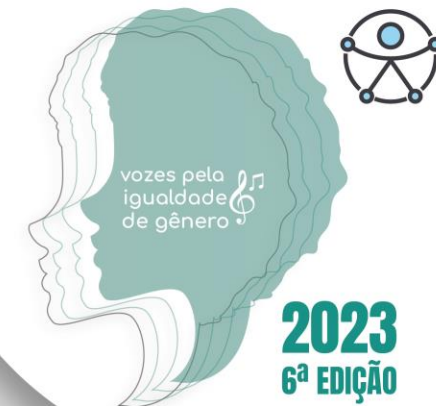
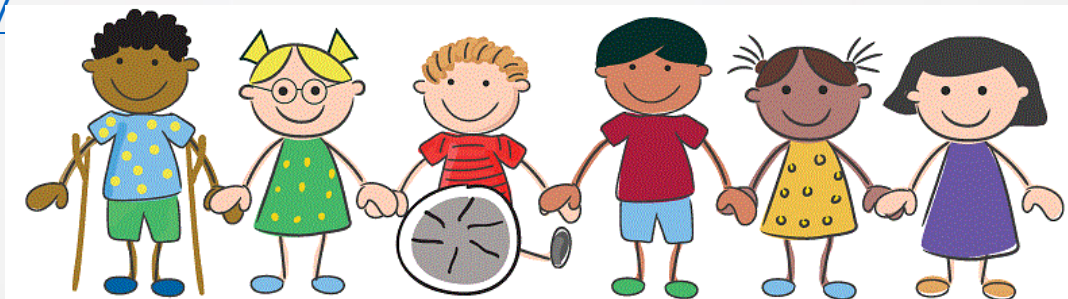
[https://www.crmpr.org.br/uploadAddress/Guia-Feminista-Helen-Keller\[4446\].pdf](https://www.crmpr.org.br/uploadAddress/Guia-Feminista-Helen-Keller[4446].pdf)



O que é educação inclusiva?

A **educação inclusiva** pode ser entendida como uma concepção de ensino contemporânea que **tem como objetivo garantir o direito de todos à educação**. Ela **pressupõe a igualdade de oportunidades e a valorização das diferenças humanas**, contemplando, assim, as diversidades étnicas, sociais, culturais, intelectuais, físicas, sensoriais e de gênero dos seres humanos, entre outras. **Implica a transformação da cultura, das práticas e das políticas vigentes na escola e nos sistemas de ensino, de modo a garantir o acesso, a participação, o desenvolvimento e a aprendizagem de todos, sem exceção, no mesmo contexto escolar.**

- <https://diversa.org.br/educacao-inclusiva/o-que-e-educacao-inclusiva/>



E também...

- **Um direito humano fundamental de todos os estudantes.**
- **A educação é o direito do estudante individual e não, no caso das crianças, o direito de um pai ou cuidador.**
- **Um princípio que valoriza o bem-estar de todos os estudantes, respeita a sua dignidade e autonomia inerentes, reconhece as necessidades individuais e sua capacidade de efetivamente ser incluído e contribuir para a sociedade;**
- **Um dos meios para realizar outros direitos humanos. É o principal meio pelo qual as pessoas com deficiência podem se livrar da pobreza, obter condições para participarem ativamente em suas comunidades, e se protegerem da exploração.[3] Ele também é o principal meio para se alcançar sociedades inclusivas;**
- **Comprometimento contínuo e proativo para eliminar as barreiras que impedem o direito à educação, bem como alterações na cultura, política e prática de escolas regulares para acomodar e incluir todos os estudantes de forma eficaz.**
- (Convenção - comentário geral n. 4 (2016))



A ESCOLA ACESSÍVEL:

- PARA CADA UM E PARA TODOS
- VALORIZAÇÃO DA SINGULARIDADE, DA DIFERENÇA EM SI DE CADA SUJEITO
- FOCO NA ELIMINAÇÃO DE BARREIRAS.
- ACESSIBILIDADE AO CURRÍCULO
- GARANTIA DE PARTICIPAÇÃO NA VIDA ESCOLAR
- O PROCESSO EDUCACIONAL É O MESMO PARA TODOS
- O AEE É ESPECÍFICO
- SUPERA O MODELO MÉDICO E INTEGRACIONISTA DE DEFICIÊNCIA !!!!



OS IMPACTOS DA INCLUSÃO ESCOLAR:

- **Estudantes incluídos eram 75% mais propensos a ganhar uma credencial profissional ou acadêmica do que estudantes que foram educados em classes especiais (Myklebust, 2007).**
- Um estudo realizado na Holanda comparou o desenvolvimento de mais de 200 pares de alunos entre sete e oito anos com dificuldades de aprendizagem ou com distúrbios de comportamento e emocional leves que foram incluídos em escolas do ensino geral e especiais. Os pesquisadores então seguiram esses pares de alunos durante quatro anos e descobriram que **os estudantes incluídos tiveram um progresso acadêmico significativamente maior do que seus pares em programas de educação especial (Peetsma, Vergeer, Roeleveld & Karsten, 2001).**

Fonte: https://alana.org.br/wp-content/uploads/2017/08/educacao-inclusiva_pt.pdf



OS IMPACTOS DA INCLUSÃO ESCOLAR:

- Um estudo com cerca de 1.000 alunos do ensino fundamental no estado americano de Indiana constatou impactos positivos da inclusão no desenvolvimento em matemática dos alunos sem deficiência (Waldron & Cole, 2000):

59% dos alunos sem deficiência em escolas inclusivas tiveram um aumento em suas pontuações em um exame de matemática padronizado em relação ao ano anterior, enquanto apenas 39% dos alunos sem deficiência em escolas tradicionais tiveram um progresso semelhante.

Fonte: https://alana.org.br/wp-content/uploads/2017/08/educacao-inclusiva_pt.pdf



WEBINAR

O CAPACITISMO E AS BARREIRAS VISÍVEIS E INVISÍVEIS ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

EXPOSITORES:



Tabata Contri

Consultora de inclusão de profissionais com deficiência, atriz, escritora e digital influencer



Leticia Guilherme

Formada em Relações Públicas, criadora de conteúdo no Instagram, mulher LGBTQ+ e com deficiência física



Victor Di Marco

Diretor, roteirista, ator, escritor, criador de conteúdo e palestrante

MEDIADORAS:



Maria Izabel do Amaral Sampaio Castro

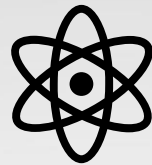
Promotora de Justiça do MPSP



Paula Pereira Ferrari

Oficial de promotoria do MPSP

Aberto ao público em geral



<https://www.youtube.com/live/Er2wRfi0Q-U?feature=share>





Art. 3º Constituem objetivos fundamentais a República Federativa do Brasil:

- └ **I** - construir uma sociedade livre, justa e solidária;
- └ **II** - garantir o desenvolvimento nacional;
- └ **III** - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
- └ **IV** - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

REDE DE ENFRENTAMENTO DA FOME

REDE DE DEFESA DA VIDA DE ADOLESCENTES E JOVENS

REDE DE ENFRENTAMENTO AO RACISMO

Criada no âmbito do gabinete da Procuradoria Geral de Justiça, por meio da [Portaria nº 9.327/2020-PGJ](#), a **Rede de Defesa da Vida de Adolescentes e Jovens** tem como finalidade melhor conhecer a realidade social que ocasiona os altos índices de morte precoce de jovens e adolescentes, por meio violento ou suicídio, e de estudar formas e instrumentos de transformação desta realidade. Sua atuação se dá através de reuniões para a elaboração de estudos, promoção de discussões e articulações com a sociedade civil, demais órgãos públicos e comunidade científica, ampliação de canais de denúncia e construção de parcerias para a aceleração das políticas públicas pertinentes à adoção de estratégias com maior resolutividade na defesa da vida de adolescentes e jovens, incentivando a primazia das práticas autocompositivas.

Criada no âmbito do gabinete da Procuradoria Geral de Justiça, por meio da [Portaria nº 9.269/2020-PGJ](#), a **Rede de Enfrentamento ao Racismo** surge com a finalidade de melhor conhecer o cenário da implementação de políticas afirmativas de igualdade racial, às discriminações étnico-raciais, e de estudar formas, estratégias e instrumentos de transformação desta realidade e de afirmação da igualdade racial. Deverá elaborar estudos, planos de prevenção, promover discussões e articulações com a sociedade civil, demais órgãos públicos e comunidade científica, ampliar canais de denúncias de violações às discriminações étnico-raciais, e construir parcerias para a aceleração das políticas de ações afirmativas pertinentes à adoção de estratégias com maior resolutividade na defesa da igualdade racial, tanto dentro da instituição como fora dela, atentando-se à transversalidade de raça, etnia, credo, gênero e orientação sexual, incentivando a primazia das práticas autocompositivas.

AS REDES DO MINISTÉRIO PÚBLICO ...

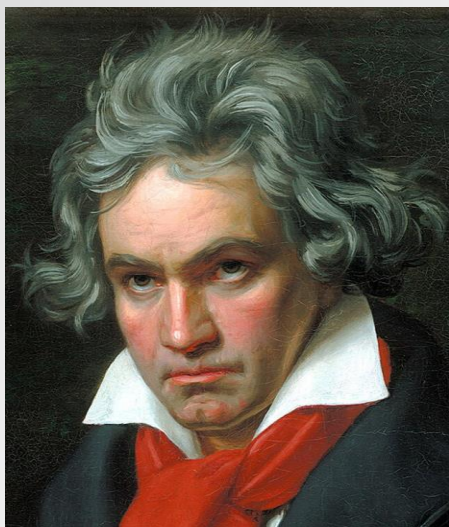
Rede de Valorização da Diversidade

REDE DE VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE

Criada no âmbito do gabinete da Procuradoria Geral de Justiça, por meio da [Portaria nº 9.270/2020-PGJ](#), a **Rede de Valorização da Diversidade** surge com a finalidade de melhor conhecer o cenário social que resulta nas violações de direitos às populações LGBTQI+ e de estudar formas e instrumentos de transformação desta realidade. Deverá elaborar estudos, planos de prevenção, promover discussões e articulações com a sociedade civil, demais órgãos públicos e comunidade científica, ampliar canais de denúncia de violações e construir parcerias para a aceleração das políticas públicas pertinentes à adoção de estratégias com maior resolutividade na defesa da diversidade, tanto dentro da instituição como fora dela, atentando-se à transversalidade de raça, etnia, credo, gênero e orientação sexual, incentivando a primazia das práticas autocompositivas.



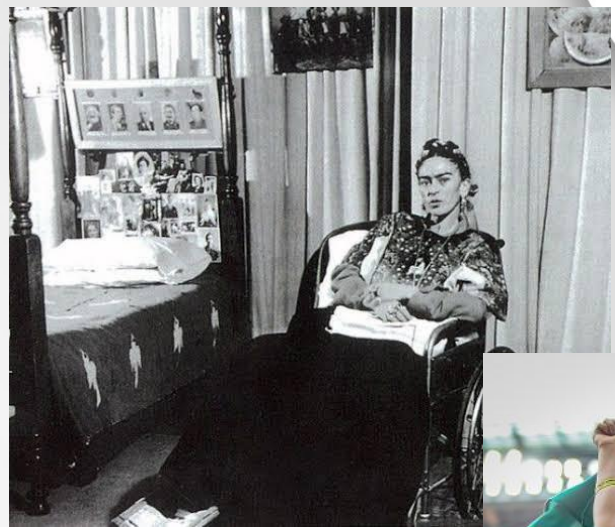
Você conhece esses artistas e atletas?



Beethoven



João Carlos Martins



Frida



Silvania Costa



Stevie Wonder



Herbert Vianna



Daniel Dias

Sugestões de influenciadores para acompanhar a luta anticapacitista



[@ivanbaron](#)
[48 mil seguidores](#)



[@leandrinhadu](#)
[368 mil seguidores](#)



[@victordimarco](#)
[58,1 mil seguidores](#)



[@_marianarosa_01](#)
[29,9 mil seguidores](#)



"A vida é ... ou uma aventura audaciosa, ou não é nada..."
Helen Keller.

